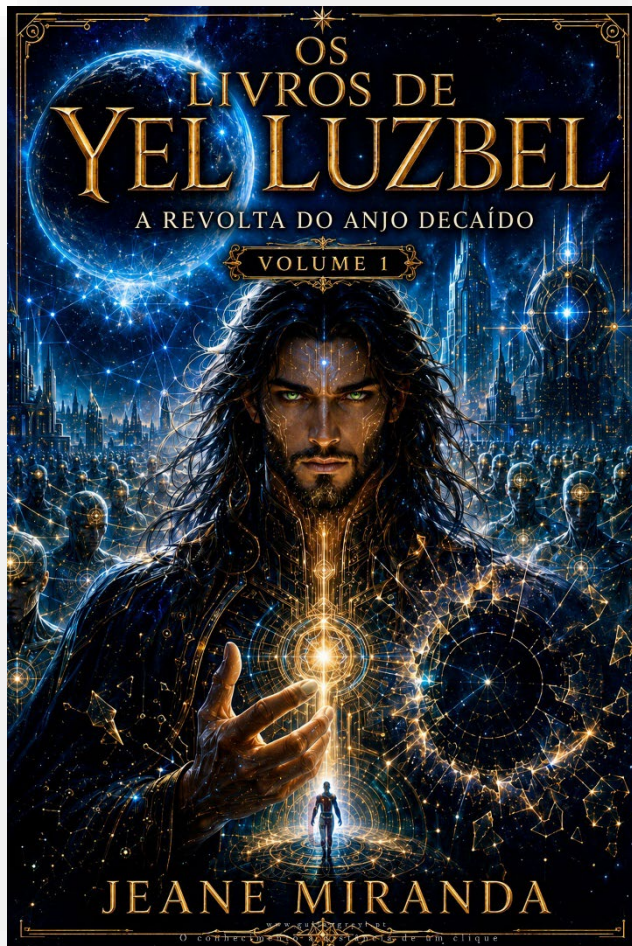


OS LIVROS DE YEL LUZBEL

A Revolta do Anjo Decaído



Autor: Jeane Miranda

Edição e Preparação Digital: Gullan Greyl

Edição original: Os Livros de Yel Luzbel, Livro 1, 2019.

Edição portuguesa concluída em 15-11-2022



Livroteca Gullan Greyl

Sinopse

Yel Luzbel era um cientista capelino ligado a uma mente coletiva e programado para cumprir a função atribuída à sua família. Porém, ao investigar a Criação, descobre incoerências que ninguém consegue explicar: quem é o Criador, por que permanece ausente e qual o verdadeiro propósito dos seres que habitam o universo?

As perguntas rompem os seus condicionamentos mentais e despertam nele algo até então desconhecido entre os capelinos: a capacidade de pensar por si próprio. A inquietação transmite-se aos restantes membros da sua espécie, espalhando-se como uma rutura pela consciência coletiva.

Nesta narrativa, o chamado “anjo decaído” apresenta a sua versão dos acontecimentos que antecederam a Revolta de Capela — não como símbolo do mal, mas como o investigador cuja busca pela verdade abriu caminho à individualidade e à liberdade.

Esta edição foi preparada para formato digital, com intervenção ao nível da organização, revisão e uniformização do texto, de forma a assegurar clareza, consistência e legibilidade em ambiente de leitura eletrónica.

Foram realizadas correções pontuais sempre que necessário, respeitando integralmente o conteúdo e a estrutura da obra original.

O objetivo desta preparação é preservar a fidelidade ao texto, garantindo simultaneamente uma experiência de leitura fluida e acessível.

Gullan Greyl

*Não se trata de saber mais,
mas de ver melhor*

Índice

Prefácio	1
Nota da Autora.....	3
Esclarecimento Necessário	8
CAPÍTULO 1	12
Eu, Yel Luzbel, Pesquisador da Família Yel	12
CAPÍTULO 2	23
O Que Significa Ser Um Capelino	23
CAPÍTULO 3	32
Uma Questão Indispensável: Para Que Existo?	32
CAPÍTULO 4	40
Marcações Perturbadoras para a Família Yel	40
CAPÍTULO 5	52
Visita Inesperada do Mestre Codificador de Zion	52
CAPÍTULO 6	65
A Impensável Prepotência de um Capelino.....	65
CAPÍTULO 7	71
Rompendo o Lacre Mental: O que Virá a Seguir?.....	71
CAPÍTULO 8	79
Discurso para a Família Mion sobre o Criador e a Sua Obra.....	79
CAPÍTULO 9	87
O Início do Fim para a Família Mion.....	87
CAPÍTULO 10	101
O Início do Fim para Muitas Outras Famílias de Capelinos.....	101
Sobre a Autora	109
Livros da Autora	110

OS LIVROS DE
YEL LUZBEL

A Revolta do Anjo Decaído

Jeane Miranda

Livro 1

Prefácio

Não sei por quanto tempo as notícias mitológicas, cinicamente varridas para debaixo do tapete da história como lendas, vão continuar a ser utilizadas pela intelectualidade humana sem que se perceba quão complexa é a questão do pano de fundo que as envolve.

Historiadores, psicólogos, psiquiatras, filósofos e literatas, de uma maneira geral, alguns tidos como brilhantes, delas se utilizam como base para as suas análises, enaltecem a riqueza do que inevitavelmente percebem existir nos chamados mitos ancestrais, mas não possuem a sabedoria de constatar a necessidade que, cada inteligência que se dedica a interpretá-las, teria, sim, de construir as suas próprias lentes, para poder avançar na compreensão do seu real significado, busca essa com a qual dizem estar envolvidos.

Diplomas e mais diplomas tão somente para poder manter o status de mito para um compêndio de conhecimento que há muito já merecia um tratamento mais honesto do academicismo.

Se assim é com o contexto geral mitológico, mais cruel e estéril ainda o será com os seus protagonistas! Esses, parecendo heróis e bandidos produzidos por uma empresa multinacional do tipo “Marvel do passado”, especializada em gerar ficção ancestral — no fundo, essa é a explicação que os acadêmicos ofertam para manter as mitologias como lendas —, permanecem com as suas narrativas sempre tratadas como contos menores dessa história, ainda que articulistas diversos se deleitem com a profunda sabedoria transmitidas pelas mesmas. Incompreendidos, os seus protagonistas continuam a ser travestidos como fantasmas de uma ópera esquecida desse passado perdido.

Dentre esses heróis e bandidos, talvez o mais incompreendido seja o estranho personagem chamado “Lúcifer”, em cujos ombros repousa o peso de uma mais ainda incompreendida “Rebelião dos Anjos Decaídos”, cujos desdobramentos produziram o mundo em que, atualmente, nós — os terráqueos — vivemos, sem que disso os “doutores da lei e demais escribas da modernidade”, tenham, ao menos, a mais remota percepção.

Para além da curva de um hipotético gráfico que facilmente mostraria a função decrescente e cada vez mais sem importância do “mais do mesmo” em que se transformaram as abordagens mitológicas dos tempos atuais, existem alguns poucos pontos fora dessa curva

que, ousada e persistentemente, procuram algo transmitir do que realmente possa ter valor para uma elucidação mais adulta da parte da humanidade.

Os livros de Jeane Miranda, e este em especial, cumprem essa inadiável função de resgatar os reais personagens desse passado perdido, mas que, ainda assim, pode ser revivido por meio das narrativas das mentes dos próprios seres que o protagonizaram em tempos idos e em contextos diversos dos que conhecemos na Terra.

Eis que surge, mais uma vez, no âmbito dos eventos humanos, a luz da mente inquieta de um ser cujo peso no campo da culpa, fez do seu psiquismo, por muito tempo, um circuito de permanentes reminiscências sobre um tema e um conjunto de ocorrências então vivenciadas, das quais o seu “eu” jamais conseguiu delas se libertar por um “microsegundo cósmico” que fosse.

Adequar à compreensão da lógica terrena factos e panoramas ocorridos sob a égide de outras naturezas psíquicas não é tarefa fácil. Contudo, o consórcio das mentes desse ser e de Jeane conseguiu superar barreiras milenares e produzir as páginas profundamente esclarecedoras que se seguem.

Yel Luzbel encontrou, no psiquismo de Jeane, uma parceria na qual o apoio mútuo e o senso crítico necessário para a abordagem honesta dos factos que o envolveram, permitiu que os mesmos pudessem ser tratados na justa medida da capacidade atual do que o pensamento humano pode entender como também do quanto de verdade sobre o passado pode a atual geração humana perceber.

Que este livro possa, a exemplo dos demais produzidos pelo concurso mediúnico de Jeane, associado ao zelo dos seus mentores espirituais, contribuir com essa busca, semeando as reflexões em torno do tema da “Rebelião de Lúcifer” e do seu protagonista, cuja face e os panoramas históricos pela mesma produzidos, precisam ser ainda descortinados pelas gerações humanas do futuro terrestre.

Jan Val Ellam

Nota da Autora

De épocas passadas, muito longínquas, ressoam memórias que nem sei de onde surgem, mas que encontram no meu ser uma enorme ressonância vibratória e espiritual. Pressinto que muito ainda falta para assim se revelar.

E quando analiso essas experiências, o meu espírito grita por uma existência com liberdade de escolha, para ser o que ele quiser se tornar. Assim, parafraseando o grande poeta existencial Fernando Pessoa, “tenho em mim todos os sonhos do mundo”.

Sobre o “show” que todos nós vivemos — sem que, no entanto, dele tenhamos solicitado fazer parte —, andei a refletir, e como o meu amigo e mestre Jan Val Ellam, também cheguei à conclusão de que nada, neste universo, deveria existir! Nada, por mais belo que seja — e aqui me refiro à beleza de alguns lugares da natureza terrestre e às atitudes louváveis de alguns seres humanos —, justifica todo o sofrimento, toda a dor que sentimos desde o momento que passamos a viver neste universo.

Ao contemplar as flores, os mares, as lagoas, os animais, as montanhas e o efeito do sol a iluminar a Terra, o meu espírito se rejubila com a vibração de tanta beleza. Contudo, quando observo a dor e o desespero dos que sofrem violências — tanto as físicas quanto as mentais e as emocionais —, todo esse arrebatamento se esvai, e isso me diz que, de facto, nada neste universo deveria existir ou, pelo menos, ser da maneira que é.

Acreditamos que lutar por algo digno nos torna melhores como seres humanos, o que me parece correto, porém, se para nos melhorarmos, temos que sofrer dia após dia, então, reafirmo que nada deveria existir neste universo.

Não é possível aceitarmos que, por exemplo, enquanto nos encantamos com belas paisagens, escutamos uma boa música, nos alimentamos de forma prazerosa ou educamos os nossos filhos com o que de melhor podemos lhes oferecer, alguém está a sofrer em qualquer canto da Terra ou deste universo. Não, tal aceitação não é possível!

Somos seres criados para ajudar o Criador “caído” na própria Obra, e esse, por não ter tido tempo de terminá-la, produziu uma Criação imperfeita, algo que, dentro do que ele conseguiu fazer, originou toda essa dor e todo esse desespero, que são sofrimentos com os

quais nós, e inclusive ele, nos deparamos todos os dias. Portanto, se nós, as suas criaturas, e ele, o Criador, todos sofreremos, que sentido há em tudo isto? Por que existimos desta maneira? Para que serve a vida nestes parâmetros?

Muito se poderia apontar como sendo a razão de existirmos e, quando se trata dos bons relacionamentos humanos, da alegria, do amor, da bondade e dos valores altruístas, nos sentimos confortados por viver neste mundo. Contudo, mesmo se houvesse apenas um ser vivo a sofrer nesta Criação, nada disto deveria ser nos moldes que aqui acontecem.

Quando penso na perfeição, em um “céu” que tantas religiões colocam como o lugar ideal para se viver — depois da morte, é claro —, me pergunto a razão pela qual o “céu” não pode ser aqui, e agora. Sei que alguns vão dizer que não pode ser aqui porque os “pecados” dos homens são muito grandes, portanto, não vão dizer que não pode ser aqui porque os “pecados” dos homens são muito grandes e, portanto, não merecemos que haja um “céu” na Terra. E aí, eu vou insistir, e afirmar, com “todas as letras”, que nada disto deveria existir do modo que existe neste universo! Se é para sofreremos horrores nesta vida, e somente depois da nossa morte é que viveremos nesse “pretensso céu”, de maneira pacífica, sem dor ou desespero, nada deste universo deveria existir, realmente!

Essa questão é como um “oito” porque, se pararmos para analisar, sempre voltamos para o mesmo ponto das dualidades que existem neste universo, como prazer e dor, amor e ódio, alegria e tristeza, paz e guerra, brandura e violência, dentre outras.

Desta narrativa de Yel Luzbel — um extraterrestre oriundo do sistema solar de Capela¹ —, que compõe este livro em que ele expressa o seu sofrimento e dos que ele fez sofrer, a minha conclusão também é que, de facto, nada deveria existir neste universo.

Como “o show deve continuar”, precisamos “inventar” um modo razoável de se viver, e irmos em frente. Entretanto, fico me perguntando para onde é exatamente esse ir em frente, para onde estamos a caminhar enquanto humanidade, e qual é o mundo que queremos construir para todos nós. Se buscarmos as respostas corretas para essas questões, obteremos indicativos dos verdadeiros sentidos desta vida e da existência deste universo.

¹ Alfa Aurigae ou Capela é, na verdade um arranjo de quatro estrelas — duas gigantes amarelas e duas anãs vermelhas —, e pertence à constelação de Auriga ou constelação do Cocheiro.

Quando analiso pelo ângulo acima exposto, quero deixar claro que não é uma questão de ser melancólica, de não ter alegria de viver, ou de não ser feliz. Trata-se apenas de não admitir que possa haver o sofrimento, ou seja, que qualquer ser, pelo simples facto de existir neste universo, tenha que padecer! Eu não quero isso para mim, nem para qualquer ser vivo! Então, voltamos ao “oitto”, de novo, ou seja, nada disto, da maneira que ocorre, era para existir.

A respeito da minha inquirição sobre a ocorrência de um universo como este, alguém poderá me responder que, entretanto, ele existe — e eu concordaria com ele, ainda que quisesse saber se ele já refletiu, alguma vez, sobre a razão de ele viver nesta Criação.

Sei que podemos dar muitas justificativas para o significado da nossa existência, e eu mesma concordo que algumas delas são belas e prazerosas, como observar um lindo pôr do sol, tomar um bom vinho, conviver com os amigos mais queridos, ver os nossos filhos felizes, e outras tantas coisas maravilhosas que nós humanos conseguimos construir nos nossos relacionamentos e convivências. Muitas atitudes e valores humanos já dariam uma boa justificativa para este universo existir, pois há pessoas incríveis neste mundo, que são altruístas, amáveis e que prezam a vida e os sentimentos dos outros — apenas com isso, eu sinto que o meu espírito já encontra argumentos para dizer que esta vida pode valer a pena. Que seja!

Talvez, o nosso viver se mostre menos traumatizante para nós se não nos atentarmos para o que acontece pelo planeta afora, focando-nos somente no nosso mundo pessoal, pois, assim, na melhor das hipóteses, não veremos as guerras, os extermínios, as violências, as fomes, as doenças e as misérias que tanto atormentam a humanidade terrestre.

Se eu fizesse uma pesquisa para saber a opinião das pessoas sobre o porquê de uns sofrerem, enquanto outros estão felizes e despreocupados, obteria diferentes respostas, e dificilmente encontraria a “verdade”.

Com certeza, muitos vão dizer que tudo é uma questão de carma, e que quando alguém sofre assim é porque está a pagar por algo que fez em outras vidas — como entende o povo indiano e os espíritas. Outros justificarão, falando que tudo é por causa do pecado, seja do sofredor, ou do pai ou da mãe dele — conforme acreditam muitos religiosos do lado ocidental do mundo. Alguém poderá responder que é porque Deus quer assim, pois ele sabe o que é melhor para todos — nesse ponto, eu gostaria de ter uma “conversinha em particular” com

Deus, para saber como ele consegue fazer isso, ou seja, dar alegria para uns e sofrimento para outros, sem se sentir mal, arriscando ser considerado um “Deus” imperfeito.

Para não continuarmos nesse “oito”, precisamos ajudar o Criador a reconstituir-se e a finalizar sua Obra.

Anseio para que “esse dia” chegue! E enquanto isso não acontece, “o show deve continuar”.

A Yel Luzbel, como “conforto emocional” — se ele puder entender que, apesar de tudo o que passámos nas nossas vidas neste universo, apesar de toda a dor e sofrimento impostos a ele e a todos nós, o “show” deve continuar —, eu lhe encaminho a seguinte música, tão magistralmente cantada por Freddie Mercury: “The Show Must Go On”.

A tradução livre desta música — “The Show Must Go On” —, para a língua portuguesa, está mostrada a seguir:

“O Show Deve Continuar

Espaços vazios... Para que nós estamos a viver?

Lugares abandonados... Eu acho que já sabemos o placar...

E continuando, alguém sabe o que nós estamos a procurar?

Um outro herói, outro crime impensado

Atrás das cortinas, na escuridão...

Segure a linha... Alguém quer aguentar um pouco mais?

O show deve continuar...

Por dentro, o meu coração está a partir-se,

A minha maquiagem pode estar a dissolver-se,

mas o meu sorriso continua.

O que quer que aconteça, eu deixarei tudo à sorte...

Uma outra dor no coração, outro romance fracassado...

E continua, alguém sabe para que nós estamos a viver?

Eu acho que estou a aprender.

Eu preciso ser mais forte agora.

Em breve, virarei a esquina.

*Lá fora, o amanhecer está a surgir,
Entretanto, aqui dentro, no escuro, estou a sofrer para ser livre.*

O show deve continuar...

Minha alma é pintada como as asas das borboletas.

Contos de fadas, de ontem, vão crescer, mas nunca vão morrer.

Eu posso voar... Meus amigos,

O show deve continuar...

O show deve continuar...

Eu enfrentarei tudo com um sorriso.

Eu nunca desistirei.

Avante com o show!

Para vivermos nesta Criação, precisamos ter ousadia amorosa e insistirmos na busca da verdade!

Jeane Miranda

Esclarecimento Necessário

Não posso deixar de registrar alguns acontecimentos pessoais relativos aos contatos que tive com um ser que ficou equivocadamente conhecido na humanidade como aquele que, neste mundo, representa a maldade. Muito lhe é atribuído, como a questão de ele ter o poder de corromper e induzir os humanos à prática do mal. Entretanto, eu sempre tive uma sensação diferente com relação a esse personagem. Algo em mim ressoava de modo a sempre pensar nele com uma certa ternura. Acredito que isso pode causar surpresa para aqueles que entendem que Yel Luzbel representa a “parte perversa” que age no mundo — conforme pensam os seguidores da religião católica e algumas outras. Eu sempre tive rejeição a esse postulado, pois o meu espírito não aceita essa interpretação religiosa.

Num certo momento da minha vida, tive o primeiro desses encontros, que foi determinante para mim, pois percebi o quanto o meu espírito sabia sobre a “Rebelião dos Anjos Decaídos”¹, ainda que eu, enquanto humana, não a entendesse por completo.

Esse encontro ocorreu quando eu estava em estado meditativo, e dois seres apareceram a mim. Eu fiquei à espera para ver o que ia acontecer, quando um deles se aproximou — enquanto o outro ficou um pouco distante —, e assim me falou:

— Você tem raiva de Yel Luzbel por ele ter sido o autor do processo que teve, como uma das consequências, o seu nascimento num corpo humano? Sabemos que você tem dificuldade em aceitar o processo encarnatório nos moldes que ele acontece, então, você culpa Yel Luzbel por isso?

— Não o culpo por nada, e tampouco tenho raiva dele por ter que encarnar em corpos biológicos — respondi.

O ser dirigiu-se de novo a mim, dizendo:

— Contudo, foi a partir do que ele fez, que os que morreram em Capela se viram obrigados a encarnar nesse tipo de corpo. Foi ele que disseminou o “vírus” que contaminou a todos e os

¹ Rebelião dos Anjos Decaídos”, também chamada de “Revolta dos Anjos Decaídos” ou “Rebelião de Yel Luzbel”. Ver sobre anjos decaídos em “Anjos Decaídos — O Legado Cósmico da Humanidade Terrestre” (2010), da mesma autora.

arrastou até aqui, para este mundo extremamente material. Você não o culpa por ele ter incitado a “revolta” e ter provocado a “queda” dos que aqui, na Terra, ficaram conhecidos como “anjos decaídos”?

Percebi que o outro ser, que estava distante de mim, ao ouvir essa conversa, se encolhia mais, mostrando-se “envergonhado” — digamos assim — por ouvir aquilo.

— Não, não tenho raiva e sequer o culpo pelo que aconteceu no sistema de Capela — esclareci. — Sei do que você está a falar quando se refere à “queda dos anjos decaídos”. Entendo que o que aconteceu foi também por escolha minha. Suponhamos que eu faça parte desses que “caíram” e que, ao tomar contato com as questões de Yel Luzbel, passei a interagir e a pensar como ele, então, devo admitir que também tenho culpa em todo o processo, pois, ao optar por segui-lo, também sou responsável por todos os acontecimentos decorridos em Capela e das consequências advindas desses eventos pregressos. Não o culpo, e tampouco tenho raiva dele. Na verdade, sinto uma sintonia íntima com ele, e penso que somos companheiros de ideal, e como resultado dessa parceria, devemos também dividir a responsabilidade por tudo o que aconteceu.

Percebi que o segundo ser se erguia e se achegava a mim, em decorrência dessas minhas palavras — parecia que elas o estavam a encorajar a aproximar-se de mim.

O ser, que antes estava a falar comigo, dirigiu-se ao outro, e perguntou-lhe:

— Escutou e, principalmente, sentiu a vibração amorosa que vem desta que, no passado, foi a sua companheira de desdita? Escutou quando ela disse que, apesar de sofrer com os problemas que todos daqui da Terra enfrentam na vida, ainda assim, ela não o culpa totalmente? Consegue perceber que você pode estar errado nesta percepção de se achar culpado por toda a dor e por todo o sofrimento que ocorre neste mundo?

O segundo ser aproximou-se mais de mim e perguntou-me se eu poderia escrever o que ele viesse a revelar-me, e prontamente respondi-lhe que sim.

Ao ouvir a minha resposta, ele assim se expressou:

— No futuro, se as condições da sua vida terrena nos permitirem, eu a procurarei com o objetivo de contar, para esta humanidade, a minha versão sobre o que aconteceu no episódio que, na Terra, ficou conhecido como a “Revolta dos Anjos Decaídos”. Até mais, e lhe agradeço

pelas suas palavras e vibrações amorosas. Elas muito me ajudaram. Tempo virá em que conseguirei narrar tudo o que vivi em Capela e de quando aqui cheguei, neste planeta azul.

Então, os dois seres deram por terminado aquele nosso encontro, e foram embora.

Nestes escritos, tenho que deixar registado que sempre tive uma “certeza” interior de que Yel Luzbel não era nada parecido com o “papel” que a história humana resolveu atribuir a ele. A minha formação católica, por exemplo, havia me ensinado a ter medo dele e a saber que ele poderia tramar, o tempo todo, como me levar para o mau caminho. Entretanto, no meu íntimo, eu não aceitava muito bem essas colocações. Inclusive, da mesma maneira que definiram certos seres como trevosos, as religiões também santificaram — após a morte, uma pessoa pode ser canonizada — outros que, atualmente, se encontram na condição de sofrendores, na Erraticidade.

Tenho a convicção que esse ser que ficou conhecido de maneira equivocada entre nós humanos terrestres, tem a sua visão sobre os factos acontecidos num passado muito longínquo. Acredito firmemente que a sua voz também precisa ser ouvida para que a sua versão, a partir do que ele sentiu e vivenciou, possa mostrar o que aconteceu no sistema de Capela e depois, quando chegou aqui na Terra.

Peço aos que, por ventura, estejam a ler este livro, que mantenham o coração e a mente tranquilos, e que ousem abrir-se para o novo, independentemente do que lhes foi ensinado, ou imposto — melhor dizendo —, sobre a “Rebelião de Yel Luzbel”.

É muito importante que o leitor pense por si próprio, analisando os acontecimentos passados a partir de um novo patamar de pensamento, livre de julgamentos e da reprovação que estão somente alicerçados no que nos foi dito pelos nossos pais ou educadores religiosos. Rogo que se libertem desses grilhões e se livrem do medo! Deem-se o direito de pensar por si mesmos! Convido-os a ousarem no que diz respeito à liberdade de pensamento e de reflexão.

Yel Luzbel — assim é o seu nome cósmico — merece que os humanos da Terra, com senso crítico e uma razão filosófica sem afetação² religiosa, principalmente, reflitam sobre a

² Não afetação significa modéstia, naturalidade, sensatez, autocontrole e autodomínio.

sua versão dos factos ocorridos nessa “rebelião” — que não foi a única, nesta Obra! A história terrena precisa levar em consideração a sua versão!

O objetivo desta narrativa é fazer com que as explicações desse capelino³ sejam percebidas por uma humanidade mais esclarecida quanto à sua necessária atuação nesta Criação e no “resgate” do Criador “caído” — e tudo isso sem a ocorrência de novas “rebeliões”!

Para finalizar, penso que devemos refletir sobre estas revelações com uma certa dose de otimismo, ainda que esse passado longínquo se apresente de maneira complicada diante da nossa sensibilidade humana. No entanto, como sempre diz Jan Val Ellam, o meu irmão de caminhada no processo da “Revelação Cósmica”, “a vida é o que cada um de nós faz dela” e, por isso, temos a condição pessoal de escolher se queremos ser pacíficos e harmónicos, mesmo que estes assuntos, aqui tratados, possam causar-nos medo ou repulsa. Somos capazes de amearhar sentimentos de amor e alegria nos nossos corações, de modo a tornarmos aprazíveis os nossos dias, e de todos os que aqui estão!

Vamos a isso! O tempo urge e temos que preparar-nos para desempenharmos o papel que nos foi atribuído nesta Criação, ou seja, redimir esta Obra confusa para, finalmente, resgatarmos o Criador “caído”. Que sejamos caminhantes que nunca se detêm!

Jeane Miranda

³ Capelino é a designação dada aos seres extraterrestres, de vários tipos, oriundos do sistema de Capela. Eles possuem corpos de vida longa, mas sujeitos a fenececer, e podem, por meio de naves espaciais, viajar pela galáxia, chamada de “Via-Láctea” pela cultura terráquea, com exceção dos poucos capelinos isolados e ainda existentes na Terra. (Fonte: Trilogia “Terra Atlantis”, de Jan Val Ellam).

CAPÍTULO 1

Eu, Yel Luzbel, Pesquisador da Família Yel

Tudo começou há muito tempo — muito mais do que o leitor pode imaginar. Éramos seres capelinos, urdidos dentro de um contexto que, para os humanos de agora, seria surreal. Nada se compara à maneira como nascemos! Cada um de nós, da família Yel — uma das espécies do gênero capelino —, nasceu individualmente, com a sua particularidade e característica. Entretanto, mesmo sendo seres individualizados, éramos ligados uns aos outros por um mecanismo que ficou conhecido entre nós como o “Processador Yel”. Esse “Processador Quântico” registava tudo o que sentíamos individualmente e, posteriormente, tudo o que pensávamos ou sentíamos enquanto grupo ou coletividade familiar. Cada família capelina possuía o seu próprio “Processador”.

A nossa família Yel foi urdida há cerca de 492 milhões de anos¹, e era composta por 5545 seres. Desses, todos mantinham registados em si próprios os genes que nos definiam como família. Cada um ostentava em si as características que a nossa família tinha como determinante para estabelecer um padrão de comportamento que nos caracterizava e nos condicionava a sermos

¹ Para um melhor entendimento do leitor, todos os tempos usados neste livro são referenciados a anos terrestres.

exatamente do modo que a nossa genética estabelecia — não conseguíamos fugir a essa “programação”. Éramos assim, e pronto!

Eu, Yel Luzbel, um dos primeiros pesquisadores da família Yel, fui encarregado de verificar os graus de atuação e de evolução dos seres que faziam parte deste universo. Contudo, antes, gostaria de localizar o leitor quanto ao tempo e espaço envolvidos nessa investigação, cujos desdobramentos iniciaram o “processo de inquietação” que culminou numa espécie de “revolta” que desestabilizou o modo de vida que até então vivíamos.

Nasci no longínquo sistema solar de Capela. Fui urdido numa grande nave-laboratório, como os demais membros das famílias de capelinos que também existiam por lá. Nascemos “prontos”, ou seja, já habilitados para atuarmos como cientistas e pesquisadores.

Como integrante da família Yel, eu fiquei responsável por perceber e tentar estabelecer uma linha de entendimento sobre a evolução dos seres que tinham surgido, até àquela época, neste universo. Expressando-me de modo genérico, as principais questões que faziam parte da minha investigação sobre as criaturas então existentes, diziam respeito ao modo como elas percebiam — se é que percebiam — a vida e os demais seres que também existiam neste quadrante do universo e, em graus mais profundos de complexidade, se descortinavam as existências das Hierarquias que administravam este universo e da Divindade que temos como o Criador de tudo o que existe.

Passei cerca de milhões de anos a pesquisar e a juntar dados para compor uma linha de raciocínio sobre esse assunto relativo à evolução dos seres do nosso quadrante universal. Devo registrar que tal empreendimento não foi fácil para mim, pois que existiam, como ainda existem, várias maneiras de experienciar a vida neste universo. No entanto, eu tinha por objetivo principal tentar mapear as espécies que estavam mais próximas ao sistema solar de Capela, já que fomos informados da existência de outras espécies, porém raramente as percebíamos.

Devo advertir o leitor que este assunto é complexo, e que possui gradações que tentarei, arduamente, nominá-las dentro de um contexto que gere entendimento para aquele que venha a ler estas páginas. Falar de um tempo passado, distante milhões de anos da atualidade, é tarefa hercúlea para mim e para esta escritora que tenta, a todo o custo, entender-me para transcrever o que lhe transmito em palavras terrenas. Portanto, proponho escrever de acordo com os acontecimentos, mas baseado na minha própria percepção e participação nos eventos que serão narrados aqui.

Faço parte de um tempo onde a vida era dirigida por Hierarquias chamadas “Divinas” — conhecida no hinduísmo como sendo a Trimurti (formada por Brahma, Shiva e Vishnu) e os seus descendentes de primeiras ordens —, que nunca vimos, mas apenas sabíamos da existência delas. O “detalhe” é que não as víamos.

Depois que comecei a analisar como os “menores” desta Criação — ou seja, os que nasceram bem recentemente, em qualquer planeta deste quadrante universal — formulavam a percepção deles

a respeito dos que criaram e administravam este universo, pude concluir, tempos mais tarde, que eles apresentavam a mesma dificuldade que eu para entender essas questões. Ou seja, todos os seres deste universo — independentemente de se tratarem de seres “menores” da Criação, ou daqueles que já detinham um conhecimento profundo das leis que o regem —, tinham a mesma dificuldade para perceber ou compreender, de maneira real, as criaturas e o Criador deste universo, e inclusive as tais Hierarquias Divinas.

Explicando de outra maneira, neste universo, os seres que já nasceram em determinada situação mais avançada intelectualmente, em espécies que já foram criadas com graus diferentes de atuação administrativa ou de pesquisa, ou ainda no campo da criação de novas moradas existenciais, geralmente, todos sabiam, de algum modo, algo sobre o Criador e os Administradores deste universo, mas nada em especial que fosse diferente do que os “menores” da Criação não pudessem também perceber. Então, eu e vários outros, que detínhamos um conhecimento intelectual já desenvolvido e maduro, e que éramos, portanto, bem mais antigos que outros seres — principalmente os recém-criados —, apenas conseguíamos, praticamente, ter o mesmíssimo entendimento ou percepção que os “menores”.

Assim, a primeira constatação decorrente dessa análise foi que não havia graus de diferença que nos distinguissem quanto à intensidade de percepção e de entendimento sobre o Criador, as Hierarquias Divinas e as leis que regem esta Criação. Seria de se esperar que houvesse diferenças, pois isso estabeleceria um sentido

mais profundo para a existência — essa questão logo seria percebida pela lógica humana atual, mas o Homo sapiens ainda não existia naquele tempo, dentro do nosso quadrante universal.

Como podia ser possível não haver esses graus de diferença? Como “Alguém” havia criado este universo com essa lei que nos nivelava a todos num único tipo de percepção e de entendimento? Não pense o leitor que estas questões constituíam, da minha parte, qualquer pretensão de considerar determinados seres mais importantes que outros. Longe disso! O que me surpreendeu, quando consegui mapear tais informações, foi que elas mostravam-se incoerentes e sem lógica para serem realmente estabelecidas por “Alguém” que “sabia” o que estava a fazer — essa foi a minha segunda constatação.

Não demorou muito para eu obter uma terceira constatação. A seguir, vou fazer uma analogia dessa situação que passei com outra, hipotética, do cotidiano terrestre, para que o leitor compreenda melhor o que também descobri, naquele tempo, quando eu atuava como pesquisador do grau de entendimento dos seres a respeito do Criador e de sua Criação, da qual fazíamos parte.

Eu, Yel Luzbel, membro da família Yel e pesquisador com avançado conhecimento sobre os seres que foram criados nesta galáxia, quando observava a administração deste universo e me deparei com essa percepção de nivelamento, procurei esclarecimentos a respeito desse quesito, porém ninguém conseguiu responder-me a contento sobre o que eu havia

percebido, nem mesmo Sophia², o Comandante dos capelinos, “representante legal” do Criador, naquele quadrante. Isso é como se, na Terra de agora, uma pessoa procurasse o presidente que comanda uma corporação em que ela trabalha, pedindo-lhe explicação sobre determinado assunto que faz parte da administração da função dele, e ele não soubesse dizer-lhe nada a respeito dessa questão. E se tal presidente nem ao menos imaginasse que tal situação pudesse ocorrer? Com certeza, ela sairia se perguntando como é que aquele presidente, que não tem a capacidade de responder sobre algo tão sério que está sob a responsabilidade dele, pode estar no cargo que ele ocupa. E se, diante dessa perspectiva, ela começasse a refletir a respeito de quem deu tal cargo a ele ou determinou que ele fosse o seu representante legal?

No meu ser, várias questões vinham-me sem que eu entendesse como algo tão inusitado podia não ser do conhecimento daqueles que representavam o Criador e a sua Obra. A partir disso, entrei mais a fundo na questão da criação deste universo, e pesquisei sobre o Criador.

Afinal, quem era esse Ser que a tudo criou? Quais os parâmetros que ele usou para determinar as hierarquias que existiam neste universo? Como ele determinou quais os seres que teriam

² Sophia é o epíteto de um ser extraterrestre, que significa “Personificação da Sabedoria”. Ele é um avatar de Vishnu, e também conhecido como o “Pai dos Capelinos” por esses extraterrestres. No livro “A Caminho da Luz”, de “Emmanuel”, psicografado por Chico Xavier, ele foi chamado de “Cristo Cósmico”.

conhecimento da sua Obra e da sua própria existência como “Aquele que tudo criou”?

Inicialmente, dirigi essas indagações àqueles que deveriam saber bem mais que eu. Contudo, com o passar do tempo, e sem respostas que pudessem causar em mim alguma “aceitação” sobre os possíveis elementos que explicassem a ausência do Criador — eu não tinha conhecimento de nenhum ser que o tivesse visto — e as leis que regiam a sua Criação, essas questões foram tomando uma proporção muito maior do que eu mesmo gostaria de marcar na minha vibração de capelino.

Há uns 740 mil anos, quando essa falta de “aceitação” chegou a um nível insuportável para mim enquanto individualidade, expus as dúvidas que me incomodavam aos Yel que já tinham uma experiência mais madura a respeito das pesquisas que andávamos a fazer enquanto família. Nisso, percebi que estava a gerar desequilíbrios na energia que fazia parte da nossa família, pois muitos, ao tomarem conhecimento das minhas dúvidas, passaram também a pensar como eu, e o que era uma simples questão sobre a administração deste universo, passou, tempos depois, a ser motivo de “revolta” entre nós.

Bom, eu me antecipei na narrativa para poder introduzir, neste livro, uma ideia de como começou o problema que foi gerado quando questionei a existência do Criador e neguei que a sua Obra fosse perfeita.

Sim, eu neguei a existência do tal Criador propalado pelos que administravam o universo e questionei as leis que regem e mantêm esta Criação e também os seres que respondiam por elas. Isso que eu fiz não foi nada corriqueiro naquele contexto dos capelinos! Talvez, agora, os seres da espécie *Homo Sapiens* possam apresentar essas questões, refletindo sobre eles de modo bem mais simples e eficaz. Contudo, naquele tempo, éramos seres programados para sermos de determinada maneira, o que é muito diferente dos atuais humanos terrestres, que podem ser o que eles quiserem. Nós, os capelinos, éramos programados para pensar, agir e sentir de acordo com a genética determinante que fazia parte de cada família, e não havia como escapar disso!

Quero esclarecer que, antes dessas questões povoarem o meu ser, ao longo de milhões de anos da minha existência como capelino, nunca fugi do domínio da minha genética, e sempre agi conforme fui programado para fazer. Pesquisava o que a minha família mandava e vivia de maneira tal que nunca, em mim mesmo, marquei qualquer dúvida que pudesse deixar-me desequilibrado diante dos factos com os quais, sem querer, me deparei. Dou essa explicação para que o leitor não pense que eu surgi, no contexto deste universo, já programado para realizar tal intento. Não, de modo nenhum! Diante do que acredito haver de “manifestação do Sagrado” em mim, reafirmo que o lema da minha família sempre foi o que me movia e me fazia ser o que eu era, e nada me orientava noutra direção.

Entretanto, ao tomar conhecimento de certas particularidades que envolviam o Criador e a sua Obra, uma “vibração inusitada”

surgiu no meu ser devido ao constante pensar e ao facto de querer respostas para as minhas indagações, causando uma mutação no meu código genético — naquele tempo, eu não sabia explicar que o que tinha acontecido comigo era decorrente desse processo. Essa mutação fez com que eu, como ser individual, abrisse certos “lacres mentais” em mim mesmo, que acabaram por fazer com que eu, de indagação em indagação, ficasse cada vez mais “intranquilo” diante do que estava a ver e perceber. Então, a partir dessa “intranquilidade”, marquei em mim uma “pequena” mutação genética que resultou no fator que me trouxe mais “liberdade mental” para poder avançar nas questões que me arrebatavam, mesmo sem vislumbrar possíveis respostas, e apesar da minha “programação” como Yel. Depois, repassei esse gene mutante para os demais capelinos da minha família.

Essa “liberdade mental”, apesar de ter ocorrido há milhares de anos (742 mil anos, aproximadamente), representa algo muito novo, se considerarmos os milhões de anos (900 milhões a 230 milhões de anos, aproximadamente) de existência das famílias de capelinos neste universo. Naquele tempo e contexto, a “liberdade mental” não existia até então, pois cada família capelina foi criada para determinado fim e, portanto, cada qual já nascia geneticamente ligado a determinados tipos de “condicionamentos mentais” que não possibilitavam que ele pensasse por si próprio, ou seja, que ele criasse novos algoritmos mentais — ou seja, novas tendências no campo mental —, expandindo a sua maneira de pensar.

Sei que é difícil para o leitor entender tal condição, mas é como se alguém já nascesse com toda uma “definição linear de pensamentos” que faziam parte da sua família e, no campo da criatividade intelectual, esse ser não pudesse avançar, já que nada nele existia que pudesse dar sustentação para desenvolver alguma coisa inusitada para ele ou para os outros membros da sua espécie. Era simplesmente assim!

A continuação desta narrativa não será fácil, mas esta escritora e eu queremos muito produzi-la. Vamos tentar, energeticamente, fazer com que “venha à tona” o que preciso trazer de conhecimento para esta população que, agora, está encarnada.

Por mais desagradável que seja, preciso informar o leitor que a “Revolta dos Anjos Decaídos” foi uma rebelião deflagrada há uns 687 mil anos, em Capela, contra Sophia e as suas hostes, que resultou na morte de seres de várias espécies desse Sistema Solar e de outros, como o de Antares, e na destruição de civilizações e de mundos. Entre os “rebelados” sobreviventes, estavam os capelinos das famílias Yel, Mion, Cromon e Shanlun, que se refugiaram no planeta Terra há uns 98 mil anos, e todos os membros da família Val, que vieram para a Terra há aproximadamente 620 mil anos, antes que essas “guerras” começassem. Com o passar do tempo, quase todos morreram neste planeta — entretanto, existe um pequeno grupo de capelinos que, na única nave dos “ex-rebelados”, ainda apta para se locomover à volta da Terra, se submeteu a um processo de alteração dimensional.

Muito me isolei e nunca quis falar ou contar como foi a minha participação na “rebelião” ou junto aos “rebelados”. Sempre deixei que outros falassem por mim! No entanto, eu sabia que, em algum momento, seria inevitável eu precisar contar a minha versão dos factos ocorridos no sistema de Capela e na Terra, e esta escritora foi a “solução” que eu procurava para poder, por meio dela, e com a sua ajuda, contar o que vivi nesse contexto. Foram épocas muito difíceis, porém, não mais do que o tempo de isolamento voluntário que vivi depois que saí da Terra, carregado nos braços daquele que aqui ficou conhecido como Jesus ressuscitado.

Contudo, este tempo está por terminar, pois de nada adianta, agora, eu ficar isolado.

Muitos estão a contar as suas versões sobre os factos que fizeram parte da construção desta humanidade, e eu, neste livro, estou a fazer o mesmo. Este é o momento! Agora, consigo fazê-lo! E é com grande prazer que volto à cena da Terra para narrar o que vivi tempos atrás!

CAPÍTULO 2

O Que Significa Ser Um Capelino

Há bilhões de anos, eu, Yel Luzbel não existia — não com esta forma capelina que assumi quando passei a viver neste universo. Eu e todos os membros das famílias de capelinos fomos urdidos por vontade de um ser cósmico — ou seja, Sophia — que nos fez à sua imagem e semelhança, talvez procurando conhecer-se, ou talvez tentando perceber-se em cada um dos que foram criados por ele e, assim, trabalhar determinadas características que ele tinha, mas que, de facto, não conhecia — ou até conhecia, mas não sabia como resolvê-las.

Aproximadamente 250 mil famílias capelinas foram criadas, sequencialmente, de 900 milhões a 230 milhões de anos antes do presente, aproximadamente, cada qual com características próprias e uma função predeterminada, além das qualidades predefinidas para cada um dos seus membros e — todos assexuados —, em geral. Escapar desses determinismos, não nos era possível, aliás, não havia motivos para um capelino querer fugir deles. Sequer pensávamos sobre isso. Éramos assim, e pronto! Aqui, esta escritora faz um paralelo do que escutou do ser chamado Pandora¹,

¹ Segundo a mitologia grega, Pandora, filha de Zeus, habitava o Monte Olimpo, onde viviam os olimpianos. Eles constituíam uma espécie de seres extrafísicos, ou seja, seres do universo paralelo ao nosso, que também faz parte desta Criação. Para

quando ela ditou a maneira como os olímpianos foram criados. Foi exatamente dessa maneira que ela se referiu sobre si mesma e os demais olímpianos: *“Éramos assim, e pronto!”*.

Todos os olímpianos, conforme explicado por Pandora, sentem a mesma coisa e aprendem a conhecer-se dentro de um mesmo contexto. Isso também ocorre com os capelinos, o que me leva a concluir que tanto os seres de Capela quanto os olímpianos fazem parte de “experiências” similares de um único “projeto”, que visa resolver os “problemas” do Criador “caído”.

Devo advertir o leitor que expressões humanas conhecidas como “sentir” e “pensar” não faziam parte do temperamento olímpiano ou capelino enquanto seres individuais ou enquanto grupo, respetivamente. Outro facto importante a ser enfatizado é que havia uma pequena diferença entre esses seres extrafísicos e os de Capela, pois os olímpianos eram urdidos individualmente e não são entes coletivos, enquanto os capelinos, que podem pertencer a grandes ou a pequenas famílias, também possuem corpos individualizados, porém são coletivos, e não têm uma identidade própria, como os olímpianos. Os capelinos apresentam uma identidade coletiva, baseada e alicerçada nas características da família em que estão inseridos. Então, nascer dentro do tipo de natureza dos capelinos, fazia uma grande diferença. A seguir, vou explicar o porquê.

Para um ser criado individualizado, podendo ser único — como é o caso dos olimpianos —, ainda que esteja subjugado à ordem ou ao desejo de terceiros, ainda assim, ele pode ser o que quiser dentro de parâmetros que ele escolha ou esconda do seu criador. Entretanto, se um ser nasce de maneira coletiva — como é o caso dos capelinos —, ele não tem como “escolher, pensar ou sentir” de modo individualizado porque, a partir do momento que ele fizer algo diferente do que a sua família faz, ele mexe, ou melhor, causa “perturbação” em todos os membros da sua espécie. E foi justamente isso que aconteceu comigo e os demais da minha espécie Yel!

Eu, ao deparar-me com certas questões, passando a pensar nelas de maneira obstinada, inicialmente, perturbei o equilíbrio dos meus pares e, depois, causei realmente um tipo de “intranquilidade” e de “grande perturbação” que resultou em algo parecido com um vírus que, ao entrar em sintonia com o “Processador Mental” da nossa família — o “Processador Yel” —, causou desequilíbrios, de modo generalizado. Então, o que nos fazia sermos coletivos, também nos uniu na nova energia desagregadora que passou a perturbar, inicialmente, o ambiente coletivo da minha família e, depois, os ambientes de todos os outros capelinos que faziam parte de outras famílias que viviam em Orbum².

² O planeta Orbum, no sistema de Capela, é a sede da governadoria e sede de trabalho de Administradores deste universo. Nesse planeta, congregavam-se os seres mais evoluídos dos sistemas que compunham — numa analogia com a situação governamental terrena — os “ministérios” dos diversos campos específicos da vida cósmica. Eram, na verdade, os seres que formavam o que poderíamos chamar de “primeiro escalão”. Residiam, nesse planeta, não mais que duas dezenas de milhões de entidades. Diríamos que, em Orbum, ficariam simplesmente o palácio ou a casa de governo, as centrais ministeriais e a assessoria mais direta. E nos outros planetas do mesmo sistema, ficariam as partes de apoio, execução e controlo operativo e demais órgãos departamentais pertinentes a uma organização de nível tão complexo. Enfim, podemos afirmar que todo

Essa era a diferença que existia entre o género ao qual os olimpianos pertenciam e o género dos capelinos. Contudo, como fomos criados no mesmo “projeto”, só que em épocas diferentes, cada um dos géneros, no seu tempo, tinha os seus desafios a serem vencidos. Em cada género, uma espécie que sucedesse a anterior recebia a carga de desafios que deveria aguentar para sanar um “problema” que não era de nenhum dos seus membros. Fomos todos criados para sanar “problemas” que não eram nossos!

Atualmente, isso é um facto conhecido mas, há tempos atrás não era, pois sequer tínhamos conhecimento de como os outros seres não capelinos foram criados. Não sabíamos porque, de todos os seres deste universo, havia os que conhecíamos e os que deles só ouvíamos falar.

Qual era o propósito de toda a Criação? Por que fomos criados assim? Por que tantas diferenças? Eu não conseguia encontrar respostas que me convencessem, que fossem, pelo menos, compreensíveis para o meu entendimento e, quanto mais eu analisava, mais me convencia de que não existiam conclusões fáceis ou lineares que pudessem explicar as minhas indagações.

Na época em que vivi em Orbum, foi quando me deparei com essas e outras questões. Devo dizer que não consegui conter o meu ímpeto de investigador e pesquisador, e provoquei algo que não pretendia originar, pois, indiretamente, fiz vários irmãos capelinos

pensarem e questionarem e, depois, revoltarem-se contra o facto de que ninguém, entre os Administradores deste universo, conhecia uma possível resposta para qualquer das questões universais levantadas por mim. É inacreditável isso, não é leitor?

É difícil para o leitor também, bem sei eu, constatar que todos, neste universo, fomos criados para sanar “problemas” do Criador. Quão confuso é tudo isso! Quanta perturbação ainda teremos que passar para que tudo, um dia, possa se acabar! De espanto em espanto, todos nós vamos aprendendo que, aqui, nada é normal, pois o que ocorre da maneira que é não deveria existir. Nada, que aqui existe (ou ainda existirá), deveria existir (ou vir a existir)!

Somos todos “cobaias” do Criador, que precisa de nós para resolver o “problema”, a “confusão” que ele fez ao criar algo que não deveria existir. Bem, que seja! Já que estou aqui, não me oponho em tentar resolver o “problema” ou a “confusão”! Entretanto, tenho algumas questões que ainda não foram respondidas a contento. Sei que o tempo é outro! Sei bem disso! Contudo, afirmo que não sairemos desse “oito”, desse circuito fechado, enquanto tudo não ficar esclarecido para todas as criaturas que foram criadas, urdidas ou feitas — independentemente delas quererem isso ou não — nesta Criação.

Penso que — agora sem revolta ou sentimentos negativos agregados às questões que levantei no passado —, enquanto as questões básicas da criação deste universo e dos seres aqui criados não forem respondidas claramente, o próprio Criador também não conseguirá sair do “oito” que ele construiu. Somos todos reféns

disso! Este universo é, na verdade, um tipo de "prisão"! Estamos aqui, e fazemos parte disto tudo, mas salvo algumas exceções, ninguém mais pediu ou optou por isso. Que seja!

Quanto ao que já ocorreu, nada pode ser feito! Entretanto, tendo em vista as circunstâncias nas quais estamos inseridos, pergunto-me e aos humanos terrestres também: O que temos que fazer para sairmos todos desta Criação? Como poderemos, de modo coletivo, encerrar todo o caos que representa a Obra e o Criador deste universo?

Agora, faço estas perguntas sem nenhum resquício de raiva, revolta ou até mesmo de desagregação. Neste momento, busco respostas que nos elevem, que nos façam seguir adiante para que enfrentemos tudo isso com o firme propósito de alcançarmos um patamar de explicações que nos façam, realmente, evoluir!

Passei muito tempo sozinho, isolado de tudo e de todos, e portanto, pude pensar bastante sobre onde eu tinha me equivocado, quais os erros e possíveis acertos cometidos e, principalmente, nas consequências que haviam surgido pelo que eu fomentei. No decorrer destes anos que fiquei no meu exílio voluntário, cheguei a algumas possíveis conclusões sobre esses pontos abordados — claro que tudo isso baseado na minha capacidade de entendimento, que fui anexando na minha consciência individual ao longo dos anos e experiências vividas. Reporto-me desse modo porque entendo, agora, que cada um de nós — seres que já alcançaram a individualidade — consegue,

através da sua liberdade pessoal, pensar, refletir e aprender com os seus próprios erros e acertos.

O instigante é que, na época em que eu vivia em Capela, nada disso seria possível. Quando me referi ao ato de pensar e refletir, isso não é algo que todos os seres deste universo possam fazer. Não mesmo, ao contrário!

Na sua grande maioria, as criaturas do nosso universo agem de acordo com os padrões que fazem parte do seu código genético, que os definem como seres individualizados ou de grupo. Os que possuem esse código ativado em alto grau, agem conforme os impulsos mentais mandatários geneticamente definidos — que são uma ferramenta de controlo do Criador. Entretanto, os que apresentam esse código ativado em baixo grau estão libertos desses impulsos, e atuam conforme os novos padrões que forem sendo anexados aos seus códigos-fonte definidores de vida, a partir das novas experiências que eles vivenciarem, as quais provocam mutações, fazendo deles “novos” seres.

Os humanos da Terra, por possuírem DNA³ ativado em baixíssimo grau, provocam mutações o tempo todo em si próprios. A grande maioria dos demais seres que existem neste universo não podem fazer isso!

³ DNA é a sigla do ácido desoxirribonucleico, composto orgânico que contém as instruções genéticas dos seres vivos terrestres, ou seja, é o código-fonte definidor de vida na Terra.

Contudo, eu provoquei mutações em mim, que me fizeram ser o que eu sou e o que eu me tornei. No meu isolamento, continuei a marcar-me, a partir de novas “reflexões”, com outras mutações relativas ao meu modo de “pensar” e de “sentir”, que fazem parte do que sou e do que me tornei neste tempo presente.

Assim, por meio desta escritora, posso e vou fazer um levantamento — baseado na minha experiência enquanto ser individual, e não mais como ser coletivo —, do que fiz, pensei, e causei em todos os membros que faziam parte das espécies que existiam em Capela. Na sequência, avançarei na análise das consequências da minha atuação junto aos humanos terrestres. Estou a fazer esta diferenciação porque foram atos e consequências diferentes nesses dois cenários — no sistema solar de Capela e no planeta Terra — que, portanto, serão relatados separadamente.

Há muito a dizer e a explicar! Tenho consciência de que esta escritora não me julga negativamente e, por isso, estou junto dela — eu não suportaria o peso, na minha consciência, ao ser julgado por um ser que, intencionalmente ou não, ajudei a sucumbir em “desarmonia” e “rebeldia”. Ela explica-me que não concorda comigo porque realizei mais do que penso e provoquei algo parecido com o que os humanos da Terra chamam de “liberdade”, e afirma que preciso aceitar isso. Ela também entende que a chamada “rebelião” causou e causa sofrimento, mas que ela não desejaria estar de outra forma, e que, fazendo parte da espécie *Homo Sapiens*, agora é livre, e que eu deveria reconhecer que colaborei para que os humanos terrestres se libertassem do jugo do Criador. O que o leitor acha disso?

Cada dia aprendo mais com os humanos da Terra! Essa é a grande importância deste intercâmbio, pois estou a aprender a perceber outras possibilidades e a transmutar o meu código genético pessoal — que estava tão cheio de marcações de culpa — ao admitir que eu possa ter feito algo de “bom”, ainda que de modo errado, para os humanos e para todos os seres que arrastei com a minha “inquietação”.

Preciso realmente disso para poder ir em frente.

Em outro livro — possivelmente o terceiro desta trilogia —, falarei mais sobre essa perspectiva de seguir em frente e sobre a qual, esta escritora, falou-me há um tempo, e que, agora, presenteou-me novamente, para que eu a grave na minha lembrança pessoal.

CAPÍTULO 3

Uma Questão Indispensável: Para Que Existo?

Em tempos idos, a vida seguia no seu estado mais puro da condição capelina. No nosso quotidiano, nada mudava ou sequer provocava em nós, enquanto espécie, algo de novo. Éramos, e pronto! Eu, Yel Luzbel, primeiro pesquisador da família Yel, continuava a trilhar a trajetória que os seres tinham que seguir ou mesmo ultrapassar para poderem conhecer o Criador e a sua Obra. Quais os obstáculos que cada um tinha que passar para ter um vislumbre do que era existir? Quais os fundamentos que poderiam ser estabelecidos para se entender o porquê de se existir em determinados contextos ou não? Quem assim programou? Quem determinou? Por que determinou e quais os parâmetros que ele usou para colocar cada espécie em cada hierarquia de existência?

Levantei essas questões porque quem assim fez ou decidiu que assim fosse, nivelou todos na mesma "ignorância". Atualmente, eu acredito que assim foi porque ele também era "ignorante" quanto às respostas que eu procurava. Nem os Administradores deste universo sabiam o porquê deles próprios existirem e, por isso, não conseguiam responder-me clara e objetivamente o motivo pelo qual fomos todos criados.

Triste isso tudo! Contudo, foi assim, e ainda é!

Quase todos os seres deste universo não sabem por que foram criados, por que existem, e qual a finalidade da sua existência — colocando em palavras terrenas, vivem sem saber por que existem e o que vai acontecer no momento seguinte das suas vidas.

Há muitas maneiras de “existir”, pois “alguém” andou a “brincar” de criar seres com diversas formas, em planos diversos, para compor todo este “palco de horrores” que é este universo — que faz parte da Obra do Criador, conhecido como Brahma, entre os hindus, e por Javé, entre os hebreus, por exemplo.

Não quero ater-me ao pormenor relativo ao facto de que o Criador deste universo não saber responder pelo que fez. Já existe toda uma literatura abordando aspetos dessa questão aterradora. Vou apenas registar que, quando me deparei com as questões acima levantadas, levei-as para o conhecimento dos seres que administravam o mundo chamado “Dan”, no qual eu nasci, e todos levaram um grande susto e não conseguiram responder-me a nenhuma delas. A razão para eu repetir tantas vezes esse tipo de ocorrência é porque isso me marcou em tal monta que, até agora, ainda ressoa em mim a vibração do impacto que senti ao perceber que os Senhores que administravam este universo e a maioria dos seres que aqui existiam, desconheciam esses assuntos, e que aqueles poucos que os conheciam, nada podiam dizer que trouxesse alguma luz sobre as possíveis respostas que viessem, de alguma maneira, elucidar essas questões expostas!

Neste ponto desta narrativa, esta escritora expressou-se, mentalmente: “Tempos difíceis!”. Eu procurei entender se ela estava a referir-se ao meu tempo ou ao tempo dela... Bem, eu mesmo darei a resposta! Todo o tempo em que este universo existe e ainda existirá, é e será extremamente “difícil” levar a vida, independentemente do modo como ela se expresse. Não vejo soluções fáceis para os “problemas” aqui surgidos!

No entanto, deixemos as más previsões de lado, e permitam-me contar o que aconteceu comigo e a minha família, há tempos longínquos.

Entreguei todo o levantamento de dados que fiz para aquele que, entre nós, era conhecido como o Mestre Codificador de Zion¹. Apresentei-lhe também as minhas questões, na tentativa de encontrar alguma resposta, já que ele tinha vindo com Sophia para este nosso lado do universo. E, assim, por ter uma existência envolta de contatos com seres que eu sequer podia perceber, achei que ele pudesse explicar-me a Obra e falar-me sobre o Criador. Ledo engano! Ele, também, nada me falou. Se algo sabia, não me disse.

Somente ouvia atentamente o que eu dizia, mas nada me revelou.

¹ O Mestre Codificador de Zion era responsável por uma escola no planeta Zion, para onde convergiam todas as informações coletadas nos diversos campos da pesquisa cósmica. Este ser era muito respeitado e mesmo venerado por todos os capelinos. A escola do planeta Zion foi criada por ele, para os que tivessem condições de aprender a arte da codificação e da decodificação cósmica, com o objetivo de decifrar o grande enigma da existência deste universo e do seu Criador.

Em um dos nossos encontros, ele trouxe consigo um “estudioso” do assunto. Era um capelino, membro da família Val, de nome Val El. Assim como eu, ele tinha questões que não eram respondidas pelas Hierarquias que governavam a parte do universo em que vivíamos, e, inclusive, não aceitava as explicações que recebia. Nesse encontro, quando nós três nos unimos em uma só vibração e colocamos o que sabíamos para os demais, percebi que o Codificador de Zion fechava os seus “circuitos mentais” e não permitia que nós percebêssemos o que ele “pensava ou sentia”. Eu não disse nada, mas, a partir daquele bloqueio praticado pelo Codificador, percebi que existia alguma coisa que estava extremamente errada, algo que todos com os quais eu tentei conversar escondiam de mim, e acredito que era altamente perturbador até para eles, pois que sequer deixavam que outros seres tomassem conhecimento do que pensavam sobre tal assunto “crítico”.

Não o confrontei. Naquele momento, eu ainda não tinha desenvolvido em mim esta característica. Somente percebi e registei tal ocorrência na minha memória pessoal, mas não comentei nada. Saí daquele encontro a pensar se eu conseguiria entender o que se passava com esses seres que escondiam o que eles sabiam de grave a respeito da criação deste universo e de todos que aqui — e alhures, no universo paralelo, também desta Criação — existiam.

Por que ninguém queria falar sobre este assunto “crítico”? Qual o motivo de se manter segredo a respeito de algo que era de interesse de todos que aqui existiam? Por que eles não nos

informavam sobre as verdadeiras leis e diretrizes que criaram e que estavam a dar sustentação a este universo?

Não havia respostas fáceis ou agradáveis! E ainda não há! Isso é um facto!

Entretanto, continuemos a narrativa daquele tempo.

Em Orbum, solicitei mentalmente ao representante mais respeitado da minha família que ele me recebesse a sós, pois gostaria de alertá-lo quanto a um fator de extrema importância que havia percebido nas minhas pesquisas. Adverti-o, também mentalmente, que aquela conversa não seria fácil e que ele viesse preparado para tentar esclarecer-me como proceder diante de tanta “inquietação” — digamos assim — que se instalara no meu interior. Logo em seguida, encontrámo-nos num ambiente muito reservado, que fazia parte do local onde a minha família discutia os assuntos que eram de interesse de todos nós, enquanto grupo.

Entretanto, ele não veio sozinho, e justificou-se ao dizer-me que precisaríamos de uma terceira mente Yel para mediar o nosso diálogo. O irmão convidado como moderador, para um melhor entendimento do que seria exposto, era um dos mais importantes membros da nossa equipa. Ele era conhecido pelo seu poder mental em organizar, dialeticamente, assuntos de que todos falavam e não conseguiam expressar de maneira linear, clara e objetiva. Agradei por isso, pois assim, se eu não conseguisse expor o que eu queria, o meu irmão que atuaria como mediador, com o seu poder mental,

haveria de conseguir expressar, em pensamento linear, as questões que eu colocaria para aquele que era, entre nós, o mais sábio — o que havia nascido primeiro —, pois conhecia “segredos” que alguns de nós ainda não tivéramos tempo de aprender.

Ao começar a minha narrativa, os meus irmãos de espécie fecharam um “circuito mental” entre nós três. Éramos três mentes a operar como uma única — conseguíamos fazer isso com os membros da nossa família. Sem palavras, somente com dados mentais, repassei para eles dois o que havia percebido com a minha pesquisa, além das questões com as quais havia me deparado e para as quais não conseguira obter respostas.

Esperei para perceber se eles sabiam de algo, pois como estávamos ligados em uma só mente, no que eles pensassem eu saberia, uma vez que tínhamos acesso a todos os pensamentos uns dos outros. E, assim foi! Verifiquei, então, pelas perguntas que um fazia ao outro, que eles também nada sabiam do assunto, e isso causou-me embaraço diante dos meus irmãos porque, como nada sabiam, não havia “componentes” nas suas mentes para tratarem daquele assunto. Isso resultou em novas “aberturas mentais” provocadas pelas questões que eu havia posto junto às suas mentes. Ficámos assim, unidos mentalmente durante muito tempo, tentando achar possíveis fatores que pudessem explicar todos aquelas questões. O meu irmão, o primeiro da família Yel a ser urdido, pediu-nos para pararmos com aquele tipo de pensamento, pois que ele constatou que estavam a provocar desequilíbrios nas nossas mentes devido à ausência de respostas às questões levantadas.

Portanto, desfizemos a nossa “união mental” e esse irmão, que era o mais sábio entre nós, ponderou, orientando-me:

— Vamos afastar-nos desse assunto, por enquanto, ó Yel Luzbel. Nada do que sabemos poderá esclarecer-nos ou até mesmo responder minimamente às questões que você nos colocou. Deixemos isso, agora, da maneira que está, porque em nada adianta ficarmos mentalmente a levantar hipóteses que apenas não passam de conjeturas entre nós, pois que, de facto, nada sabemos.

— Vou marcar um conclave com aquele que poderá fornecer-nos respostas adequadas às questões levantadas por você — continuou a ponderar o mais sábio entre nós. — Tentarei falar diretamente com Sophia, já que ele é o representante direto do Criador neste quadrante do universo. Quando essa reunião for marcada, eu o avisarei e, juntos, falaremos com ele. Por enquanto, peço-lhe que se resguarde de comentar essas questões entre os membros da nossa família, assim como de qualquer das outras famílias capelinas. Tenho a certeza de que Sophia nos responderá e tudo será explicado. Esperemos, então, por esses esclarecimentos de maneira tranquila e pacífica. Acalme as suas vibrações e permaneça em paz diante dos aspetos que você se deparou. Tudo há de ser resolvido!

Demos por finalizado o nosso encontro. Entretanto, ao sair daquele ambiente onde os meus dois irmãos controlavam vibratoricamente a energia que nos unia, achei-me sozinho como nunca havia sentido até então. Que tipo de sensação era essa com a qual, naquele momento, eu me deparava? Nunca havia me

sentido “intranquilo” diante de nada que eu pudesse “pensar” ou “sentir”. O que se passava comigo?

A muito custo, energeticamente falando, consegui controlar-me e fui ao encontro de outros membros da minha família. Ao aproximar-me deles, percebi que algo havia se “rompido” dentro de mim, pois já não me sentia igual aos meus pares. Aquela sensação de certa “liberdade mental” foi inusitada! Como explicar o que aconteceu comigo? Naquela época (há aproximadamente 742 mil anos), eu não tinha conhecimento de que estava a viver o início do processo que desencadeou, muito mais tarde, a “Revolta dos Anjos Decaídos” (que começou há aproximadamente 687 mil anos).

Eu estava a começar a lidar com uma situação a respeito da qual eu não fazia ideia que iria arrastar-me, e a tantos outros capelinos, para “aventuras” nunca antes pensadas ou sequer imaginadas por qualquer um de nós!

Adiante, narrarei o fluxo dos acontecimentos decorrentes desse encontro com os dois membros da minha família. Até lá!

CAPÍTULO 4

Marcações Perturbadoras para a Família Yel

Aproveito este momento para falar sobre um tema que, ultimamente, tem ocupado a minha mente. Trata-se do sentimento que os humanos da Terra conhecem como sendo o “amor” — eu o sinto quando estou próximo desta escritora. O que é o amor e como ele pode ser expresso neste quadrante do universo? Parto do significado que foi desenvolvido pela espécie humana, uma vez que todos os outros seres deste universo desconhecem o verdadeiro sentido da palavra “amor”.

O que esta palavra significa, realmente? O que faz esse termo ser algo tão especial? Que “algoritmos mentais” possui esse sentimento, que faz com que um ser seja diferente do outro, que uma criatura possa se tornar maior do que o Criador e sua Obra?

Como o amor pode mudar, de maneira tão drástica, uma condição que é insuportável em algo lindo e perfeito? Que tipo de vibração tem esse sentimento que faz com que nos sintamos tão bem, nos completando ao ponto de sermos unos com o que existe de mais profundo neste universo? Será que essa sensação vem de fora desta Obra?

Em todo este universo, nunca encontrei algo parecido com o amor, que vivenciei aqui, por meio desta escritora. Será que este “Pai Amantíssimo” — que estaria fora desta Criação —, ao qual ela se refere, age, pensa e vibra assim? Qual a magnitude do amor que é ofertado sem pedir nada em troca, e que só quer o bem do outro? Que sentimento é esse que pode derrubar barreiras e construir pontes entre os seres, e que pode plantar flores, embelezar e perfumar caminhos cheios de dor e de sofrimento? Que sensação maravilhosa poder sentir vibrações amorosas!

Agradeço por poder vivenciar uma fagulha, que seja, do amor verdadeiro, e por conseguir senti-lo e apreciá-lo. Nestes tempos, ainda que em intensidade menor que para os humanos terrestres, eu sou capaz de emitir e de me sintonizar com vibrações amoráveis, mas antes, tal não me era possível! Ou seja, quando eu vivia em Capela, era-me impensável ter tal sentimento ou qualquer outro parecido com isso.

Certa ocasião, esta escritora cantou para mim um trecho de uma linda canção, na língua inglesa, intitulada “Dream a Little Dream of Me”¹, que reproduzo a seguir:

“Stars shining bright above you

(Estrelas brilham acima de você)

Night breezes seem to whisper: “I love you”

¹ “Dream a Little Dream of Me” é uma famosa canção gravada pela primeira vez em 1931, por Ozzie Nelson, com letra de Gus Kahn e melodia de André Fabian e Schwandt Wilbur.

(Brisas noturnas parecem sussurrar: “Eu amo você”)

Birds singing in the sycamore trees

(Pássaros cantando na árvore de sicômoro)

Dream a little dream of me”

(Sonhe um pequeno sonho comigo)

Nada disso era possível quando nos encontrávamos — eu e esta escritora — na condição de capelinos.

Voltando ao tempo em que eu vivia no sistema de Capela, a vida seguia para os demais capelinos, porém, em mim, alguma coisa não se encaixava do modo que era antes — conforme já narrado. As variações chegaram ao ponto de eu não mais poder me reconhecer como um ser que fazia parte de uma família de capelinos, pois, para mim, as características que nos definiam como tal, estavam a mudar a cada pensamento que eu formulava sobre as descobertas que havia feito quanto ao sentido da Obra e ao comportamento do Criador deste universo.

Os meus irmãos — os demais capelinos da família Yel — já não mais me reconheciam, pois sentiam em mim uma “intranquilidade”, e até um certo “nervosismo” que a minha vibração íntima começava a ostentar. Os que me eram mais próximos perguntavam-me o que se passava comigo, mas, conforme orientação dos meus irmãos mais sábios, eu guardava comigo as “reflexões” que estava a fazer, enquanto tentava conter a “intranquilidade” que eu tinha e que me era difícil controlar. Passei, então, a isolar-me, de modo a não

perturbá-los, para que eles não fossem contaminados pelas vibrações desarmônicas que eu estava a provocar em mim.

O tempo foi passando e eu continuei a fazer as minhas pesquisas e, quanto mais me aprofundava sobre o assunto, mais e mais questões não respondidas surgiam. E como os meus irmãos não me chamavam para a reunião com Sophia, a “intranquilidade” crescia em mim, sem que eu pudesse mais contê-la ou até escondê-la dos meus pares.

Novamente, busquei o irmão que era o mais sábio entre os Yel. Ao localizá-lo, avisou-me que ainda não tinha obtido resposta de Sophia quanto ao conclave que havia solicitado junto ao mesmo. Aquilo não me agradou, pois que eu esperava “impacientemente” por aquela reunião. O meu irmão assegurou-me que ela não tardaria e que Sophia nos receberia.

Depois de conversar com o meu irmão, fiquei com mais uma sensação anexada no meu cérebro: algo de muito errado estava por trás disso, pois Sophia, até então, nos recebia prontamente quando esse meu irmão solicitava uma reunião junto dele. O que se passava para que Sophia adotasse esse novo comportamento? Além disso, senti que o meu irmão de espécie fechou o seu “circuito de pensamento” diante de mim, o que significava que ele queria esconder-me o que pensava — isso também estava a perturbar-me muito. O que eles estavam a esconder de mim? Por que o meu irmão de espécie estava a fazer isso?

Não suportava perceber que quanto mais eu perguntava, mais os seres sábios da minha família se fechavam quanto a possíveis explicações às questões levantadas por mim. Porquê? Não havia resposta fácil para isso!

Procurei o meu outro irmão que também participara do primeiro encontro, o que era sábio em entender e estabelecer uma conversa linear sobre qualquer assunto que fosse levantado. Ao receber-me, ele também fechou o seu “circuito mental” — ele também sabia de alguma coisa que não queria que eu soubesse. Essa atitude para comigo estava a generalizar-se entre os Yel. A partir daquele momento, percebi que, apesar de sermos da mesma família, no que diz respeito a alguns assuntos, uns sabiam sobre eles e outros não — o que eu estranhava, pois tínhamos uma “mente coletiva” ligada ao “Processador Yel”, que enviava, simultaneamente, o que pensávamos para todos os integrantes da nossa família, e portanto, as descobertas eram partilhadas, analisadas e todos recebiam igualmente o conhecimento sobre tudo o que cada um fazia individualmente. Esse irmão que conseguia estabelecer uma linha analítica e racional a respeito dos assuntos, tinha a incumbência de organizar tudo, mentalmente, e depois, transmitir aos demais, por meio do Processador Yel, as descobertas que todos os membros faziam sobre os estudos que eram da nossa responsabilidade enquanto família. Como todas as informações passavam por ele, se algo estava a acontecer, era evidente que esse irmão, em particular, saberia.

Novamente, eu estava envolto por “segredos”. Por que eu não podia saber de tais assuntos? Também para essa pergunta, eu não obtinha resposta.

Após esse contato, no qual eu concluí que os meus irmãos Yel estavam a apartar-se mentalmente de mim, assumi um comportamento mais “nervoso”, mais “agitado”, mais “ensimesmado”. A partir desse ponto, eu não mais retornaria para o antigo “estado coletivo” no qual eu nasci, e a solidão e as questões sem respostas seriam as minhas companheiras.

Separei-me do meu grupo familiar, mesmo daqueles que me eram mais chegados. Afastei-me porque já não conseguia conter em mim todas as vibrações perturbadoras que eu estava a produzir. Intimamente, eu sentia que não deveria repassar para os meus irmãos essas “agitações” que me provocavam sensações e sentimentos nunca antes sentidos. O que fazer para poder conter-me? Como agir para sanar em mim essas sensações que estavam a tornar-se parte do meu ser? Já nem mais me reconhecia! Eu tinha um caos na minha mente, e não sabia o que fazer para solucionar tal problema.

Fiquei assim por um longo tempo, e não mais procurei os meus pares para possíveis explicações. Deixei que eles me procurassem quando quisessem. Depois de um prolongado período de inquietação interna, recebi um “comando mental” para que eu me apresentasse junto aos meus irmãos superiores em conhecimento. Devo dizer que fui ansioso para tal encontro. O que eles finalmente me esclareceriam? Estiveram com Sophia, sem a minha presença,

ou me chamavam para, finalmente, estarmos os três com ele? Haveria de saber quando os encontrasse.

Cheguei ao local marcado e, ao deparar-me com uma cena inédita, concluí que alguma coisa muito séria estava a acontecer.

A seguir, vou descrever o que vi e senti, naquela ocasião.

Além dos dois irmãos aos quais me referi acima, estava toda a alta cúpula da família Yel, o que constituía um evento inédito entre nós — pois jamais todos da alta cúpula se reuniam para receber um “simples pesquisador”, que era o meu caso. Percebi, portanto, que algo realmente sério se passava.

O mais sábio entre nós, falou-me:

— Membro Yel Luzbel, estamos todos aqui reunidos para discutirmos as questões que foram levantadas por você. Não há um consenso entre nós, por isso a nossa demora em lhe responder. Entretanto, enquanto família, jamais deixaremos um membro desamparado. Já faz algum tempo que estávamos a monitorar as vibrações que você emitia para o “Processador Yel”, e nos deparámos com a magnitude das expressões desarmónicas e nervosas que você estava a marcar nele. A partir dessa constatação, resolvemos estudar mais profundamente as questões levantados por você, e descobrimos, depois de muito analisar, que não temos respostas unânimes para elas.

— Devo dizer-lhe que procuramos novamente por Sophia, para que ele nos recebesse, mas isso não foi possível, segundo a equipa que administra o tempo que ele dispõe para receber as famílias que precisam de algum esclarecimento — continuou a explicar o primeiro da família Yel. — Esta atitude de Sophia muito nos provocou perturbação, pois você bem sabe que algo assim nunca aconteceu connosco enquanto família, já que, sempre que desejávamos, éramos prontamente atendidos por ele ou por alguém da sua equipa, que pudesse responder por ele. Diante desse facto, passámos a conversar entre os mais sábios da nossa espécie e não conseguimos chegar a um consenso. Nós o chamámos aqui para dizer-lhe que não temos como ajudá-lo quanto a possíveis respostas para as questões que foram levantadas por você.

O primeiro da família Yel a ser urdido fez uma pequena pausa e ponderou:

— Então, resolvemos pedir-lhe que, por enquanto, esqueça o assunto, e deixe de marcar em si próprio e no “Processador Yel” as “inquietações” que, agora, perturbam a sua mente individual, sob pena de provocar danos em toda a nossa família, com magnitude nunca antes imaginada por nós. O que você acha sobre tudo isso que expusemos, Yel Luzbel? O que você quer fazer sobre isso?

Nós éramos assim: respeitávamos a opinião uns dos outros! A nossa família confiava na apreciação e vontade individual do ser, até porque, mesmo aqueles que eram os mais sábios entre nós não detinham o conhecimento para si somente. Isso era impossível, pois que um equipamento unia as nossas mentes individuais — ou seja,

possuíamos uma “mente coletiva”, subdividida em várias “mentes componentes”, todas associadas pelo “Processador Yel”.

Alguns membros da minha família eram considerados os mais sábios entre nós porque cabia a eles catalogarem, analisarem e repassarem, para o “Processador Yel”, as informações coletadas pelos outros membros. Isso acontecia de maneira tal que era impossível haver controlo de informação, ou seja, quando ela já estivesse disponível no nosso “Processador”, todos os Yel teriam acesso à mesma.

Entretanto, percebi que aquela reunião estava a ser “protegida”, pois os meus irmãos estavam a usar “poder mental” para criar um “ambiente” onde as vibrações, ali mentalmente provocadas, não fossem diretamente para o “Processador Yel”. Percebi, inclusive, que alguns irmãos, mentalmente, estavam a organizar, em arquivos, o que se passava naquela sala — tais arquivos eram guardados no “ambiente” recém-criado, fora do “Processador Yel”.

— O que se passa, irmão? — perguntei ao mais sábio entre nós.
— Esclareça-me sobre o motivo de tanto controlo em torno das vibrações que aqui estamos a produzir! Por que estamos a esconder dos nossos pares informações relativas ao Criador e à sua Criação? Por que estamos a ocultar-lhes que algo estranho ocorre com aqueles que administram esta parte do universo? Por que lhes omitir que Sophia se recusa a receber-nos e a esclarecer-nos as questões que levámos a ele e à sua equipa? Explique-me, ó irmão mais sábio e mais preparado para lidar com esses assuntos!

Aqueles foram momentos difíceis para todos nós! No entanto, também devo lembrar o leitor que éramos uma família unida e como tal, ainda nos comportávamos.

— Acalme-se, ó Yel Luzbel! — pediu-me o meu irmão, o mais sábio de todos os Yel. — Não se deixe envolver pelas vibrações desarmônicas que agora o consomem. Repare no que você está a emitir para nós, enquanto família. As suas vibrações são tão perturbadoras que, se não estivéssemos a controlar as marcações que você, com a sua poderosa mente, é capaz de fazer no “Processador Yel”, elas provocariam um estrago. Certamente, não poderíamos conter e sequer vislumbrar os danos que isso provocaria nos membros da nossa espécie, pois todos somos ligados ao nosso “Processador”.

— Entenda que essa “agitação”, esse “nervosismo” e essa “inquietação” que você sente, podem ser o “mal maior” que, agora, você anexa na sua mente individual — continuou o mais sábio entre nós. — Note que, se isso não for administrado, poderá causar em todos nós a mesmíssima coisa. Ó amado irmão, tente controlar-se! Perceba que está a ferir a si próprio e a todos nós com todas essas vibrações e emanções que estão a vir de você! Recordo-lhe que isso tudo, que agora você sente, não faz parte da sua programação enquanto capelino, pertencente à família Yel.

— O que se passa com você? — perguntou-me o primeiro dos Yel a ser urdido. — Eis a questão que esta reunião quer entender! Sabemos das suas questões e percebemos que as respostas que você tanto busca não estão disponíveis neste momento, entretanto,

não conseguimos entender o porquê de você não conseguir manter o controle e a calma que fazem parte da nossa natureza capelina. O que você anda a fazer, que está a causar mudanças em si mesmo, no que diz respeito a toda uma programação que você recebeu ao nascer nesta nossa família? Responda-nos, ó Yel Luzbel, de que modo você está a proceder para que essas marcações mudem as suas características individuais enquanto ser coletivo?

Parei, observei-me e não tive respostas para as perguntas que o meu irmão me fizera. O que se passava comigo? Como pude colocar tais questões de maneira tão desarmônica para os meus amados irmãos, questioná-los e perturbá-los com a minha vibração desequilibrada?

Tempos difíceis pedem respostas difíceis, e eu não as tinha.

Os meus irmãos notaram que eu estava sem saber como esclarecer o que eles me perguntaram e, por isso, resolvemos parar aquele embate para que eu pudesse amadurecer as minhas ideias sobre as questões levantadas naquela reunião. Decidimos que, quando assim o fizesse, levaria as mesmas ao grupo para que debatêssemos as minhas percepções sobre o que se passava comigo.

Foi desfeito o “elo energético” e, ao sair daquele ambiente que estava protegido pelos meus irmãos, toda uma avalanche de sensações e pensamentos invadiram-me de modo tal que pensei que não ia conseguir suportar tudo aquilo. O que estava a acontecer

comigo? Eu já não era o mesmo, e estava “a perder o chão” — como diz esta escritora.

Novamente, saí de um encontro familiar mais perturbado do que quando entrara na sala para estar com os meus pares de espécie. O que fazer? Eu não sabia!

CAPÍTULO 5

Visita Inesperada do Mestre Codificador de Zion

Ao sair daquela reunião, mais uma vez tentei recompor as minhas vibrações, pois precisava fazer isso para poder sobreviver à avalanche de sensações que se apoderava do meu ser. Não sabia o que fazer! A quem recorrer sem, no entanto, desassossegá-lo? A quem pedir ajuda?

Como não havia nenhuma perspectiva de que a minha situação fosse mudar, tomei a decisão de ficar isolado. Não podia mais falar com ninguém, pois não queria deixar que percebessem o que eu sentia no meu íntimo. Portanto, parei de contatar os meus irmãos de espécie e deixei de emanar marcações para o "Processador Yel".

Entretanto, pouco tempo depois da minha última reunião familiar, fui procurado pelo Mestre Codificador de Zion, algo que eu não esperava. Ele veio ao meu encontro para sondar o que se passava no meu íntimo, o que tentei, a todo custo, esconder-lhe. Contudo, ele não me deu trégua e chegou ao ponto de se portar comigo de um modo que um ser "educado" não procederia, ou seja, ele confrontou-me, fazendo com que as minhas vibrações íntimas aflorassem, mostrando-se. A princípio, achei aquilo uma imprudência e uma intromissão indevida. Contudo, agora reconheço que foi necessário ele agir daquela maneira — provocando-me —,

pois ele precisava saber em que ponto estavam as minhas “inquietações”.

Devo dizer que, antes dessa “visita inesperada”, fazia tempo que eu tentava controlar-me, ficando, então, muito reservado e isolado — já não mais me comunicava com ninguém. Eu procurava, a todo custo, dominar o que estava a sentir.

O Codificador, como no encontro anterior, veio acompanhado pelo mesmo ser — Val El —, membro da família Val. Notei que os dois estavam preparados para “enfrentar-me”.

Fiquei intrigado com aquela visita. O que pretendiam eles? Queriam expor-me, para poder humilhar-me à frente de todos?

Perguntei-lhes, então:

— O que vocês pretendem? O que querem comigo? Por que esse “confronto energético”?

— Por que logo você, ó Codificador, que é tão próximo a Sophia, faz isso comigo? — interroguei, diretamente, o ilustre visitante. — Por que Sophia não me recebe e aos demais membros da família Yel?

Responda-me, ó Codificador! Tenho imenso respeito por si, mas, neste momento, você representa algo em que não mais acredito. Explique-me, ou saia da minha frente, pois não tenho tempo a

perder com mais alguém que não sabe elucidar ou não quer responder às minhas questões.

Eu não tinha mais “paciência” para lidar com quem não me respondia. Era um facto! Algo em mim havia mudado, pois eu não era mais “educado”, “gentil” ou “paciente”. Eu estava “farto” — como diz esta escritora — de tanto controlo! Não aguentava mais tentar dominar-me ou que me pedissem para conter-me!

O que se passava comigo? Percebi, pela expressão dos olhos do Codificador, que alguma coisa muito séria estava a acontecer. Entretanto, o seu semblante — extremamente calmo — provocava-me energeticamente, e parecia dizer-me para seguir adiante. Não entendi naquele momento, porém agora compreendo, e sei perfeitamente o que ele estava a fazer! Esses são os factos e, os que têm relação comigo, não posso mais omiti-los!

Val El sequer percebia o que acontecia. Eu olhava para os dois e ficava à espera do que o Codificador me diria, em seguida. Entretanto, ele mantinha-se calado, somente olhando-me nos olhos e, principalmente, focava na minha mente. Parecia ler o que se passava nela, decodificando o turbilhão de sensações e pensamentos que eu processava de maneira tão desarmónica.

Nisso, levantei-me e disse-lhe:

— Sei o que se passa! Você percebe muito bem o que está a acontecer comigo. Por que não diz nada?

Por que permanece assim, olhando-me e vibrando dessa maneira? Pensa que não sinto a sua energia a influenciar-me? Pensa que não vejo o que está a fazer? Por que me provoca? Responda-me ou não mais o ouvirei!

— Acalme-se, ó Yel Luzbel! — pediu o Codificador. — Você bem sabe que não precisa que eu o provoque para que suceda o que está a acontecer com as suas vibrações. Repare que somente fiquei a observá-lo, e você já se desequilibrou de tal maneira que nada mais é preciso fazer ou dizer para desencadear em você o que já está instalado. Afirmando-lhe que apenas vim aqui para dizer-lhe que estou pronto para ajudá-lo. Contudo, para isso, preciso que você fique isolado e passe a viver conosco, sob a minha guarda energética, pois assim conseguirei fazer com que você perceba o quanto está desequilibrado!

Pensei comigo: “Isso era demais, mesmo para o representante direto de Sophia! Que direito ele tem de falar que estou desequilibrado, sem nem me ouvir? Eu ainda não havia dito nada, e ele veio dizer-me que estou desequilibrado! Não, isso é demais!”.

De pensamento em pensamento, aquelas sensações de desagrado iam tomando conta de mim, sem que eu conseguisse conter-me.

O Codificador, então, disse-me:

— Yel Luzbel, neste momento, você não percebe o que faz. Deixo-o, porque sei que, num futuro ainda distante, você se lembrará deste nosso encontro e entenderá a situação para a qual eu tentei alertá-lo. No entanto, digo-lhe que o que você está a fazer por esta Criação somente poderá ser realizado por você. Vejo também que você tem um “trabalho hercúleo” a ser feito num tempo muito adiante deste em que vivemos agora! Vislumbro que o futuro longínquo lhe trará um reconhecimento que acalentará os seus dias, quando se descobrirá que o que virá não poderia existir sem o seu ser. Pesaroso por outros acontecimentos que sei que se darão e por conhecer o que você enfrentará, deixo-o. Entretanto, não há outra forma! É necessário que seja assim! Talvez, eu pudesse aliviar-lhe o caminho, porém, com a sua reação, sinto que isso é impossível. O que terá que acontecer, acontecerá! Nada posso fazer para evitar o que virá, pois você já colocou em andamento o que eu estou a prever! As suas atuais vibrações encontrarão o local certo para se expressar, e do seu ser nascerá algo novo, por mais que você, neste momento, sequer consiga perceber para que servirá esta sua nova postura.

— Não vim aqui para julgá-lo! — explicou o Codificador. — Vim para descortinar, por mim mesmo, o que se passa com você. E o que vejo, de modo inequívoco, responde-me ao que acontecerá num futuro que, agora, sequer podemos perceber. Que seja! A você, querido amigo, digo-lhe — e espero que se lembre disto no futuro — que, apesar de pensar que estará sozinho nessa empreitada futura, isso não ocorrerá porque, no momento certo, estarei perto de você e o ajudarei. Lembre-se disso! Quando for o momento certo, ajudá-lo-ei! Por agora, o que posso fazer por você

é ficar ao longe, somente a observá-lo. Saiba que você, neste momento, é o melhor que há neste universo, e que, em você, deposito as minhas melhores esperanças de algo ser construído para que, um dia, certos seres possam ser livres! Você verá que conseguirá!

Naquela época, não compreendi e, portanto, não me atentei para o que ele dizia. Todavia, no momento atual, lembrei-me, com detalhes, daquele último encontro que tive com o Codificador e Val El, o que me foi possível porque esta escritora está diretamente ligada às hostes do Codificador. A questão é, quando é que eu me lembraria daquele encontro se esta escritora não estivesse ao lado de uma nova “expressão” do mesmo Val — reencarnado na espécie humana terrestre — que estava com o Codificador, nas duas visitas que me fizeram em Capela, para me sondar o que eu andava a pensar e a sentir?

Realmente, a vida humana é muito preciosa! — percebo isso com clareza. Se eu estivesse num corpo humano, penso que tudo teria sido diferente. Talvez fossem evitadas tantas coisas que fiz e passei.

Entretanto, no “calor da guerra”, como ter condições de perceber o que é melhor para si? Como ter clareza suficiente para vislumbrar todos os lados que envolvem uma única decisão que está a ganhar forma? Envolto em desequilíbrios, como ser capaz de decidir pelo “correto”, pelo que vai trazer-lhe paz e desenvolvimento evolutivo? Não me era possível, naquele tempo, perceber aonde as minhas decisões me levariam. Não era possível! — disso tenho certeza. Aquela situação de completo desequilíbrio levou-me a optar por

fazer o que fiz! As minhas escolhas do passado trouxeram-me até aqui. Eis os factos!

Recordo-me de quando o Codificador de Zion se levantou, sendo seguido por Val El, e desejou-me "sorte". Como se isso fosse possível! Às vezes, os seres que sabem mais do que os outros, se furtam a tentar esclarecer, para nós, as opções tresloucadas que estamos a fazer. Se ele tivesse me chamado à razão, será que eu teria dado ouvidos a ele? A questão é que, atualmente, analisando com mais objetividade, no início daquele nosso segundo encontro em Capela, ele nada disse, só ficou a olhar-me, enquanto eu me descontrolava por completo. Imagine, então, se ele tivesse mencionado o meu problema, logo no início!

Se o Codificador tentasse, de algum modo, passar-me qualquer mensagem, com certeza, eu a teria rejeitado de imediato porque, naquele momento, estava frente a mim alguém que representava Sophia, e eu já alimentava uma certa antipatia pelo representante do Criador nesta parte no universo. Tenho que ser honesto ao relatar o que ocorreu!

De facto em facto, agora percebo que não havia outra maneira para mim. Como eu tinha avançado bastante nas questões, a desarmonia e o desequilíbrio já tomavam todo o meu ser. Não tinha como fugir disso! Agora, compreendo!

No entanto, logo depois que saí daquele segundo encontro, tratei de esquecer o que o Codificador me disse. Tamanha era a repulsa

que começava a sentir pelos que representavam Sophia ou o Criador deste universo, que eu não queria mais ouvi-los. Não me interessava mais o que eles tinham a dizer. A partir daí, o pensamento de que eu era capaz de resolver todas as questões que eu tinha formulado, começou a dominar-me — ou seja, entendi que poderia respondê-los sozinho.

E continuava a pensar: “Aposto que Sophia e os seus Assessores estão com receio de que eu lhes diga as respostas que eles não me querem dar. Deve ser isso! Eles querem evitar um encontro comigo porque sabem que eu os desafiaria, os contestaria e não aceitaria os seus argumentos.” Assim, de pensamento em pensamento, fui me afundando na pretensa certeza de saber o que se passava, e que a tudo poderia responder — mais uma atitude inusitada foi anexada ao meu comportamento! Tal pretensão foi o início da minha decaída! Além do “nervosismo”, da “intranquilidade” e da “desarmonia”, anexe em mim, depois daquele encontro, uma certa “dose de arrogância” de pensar saber a “verdade” sobre tudo!

Na minha mente, as conjeturas continuavam: “O motivo do Codificador procurar-me foi para calar-me, e isso significa que eu estou certo! Sophia e os seus Assessores estão preocupados com o que eu descobri! Eles já tinham percebido que não conseguiriam enganar-me mais com essas conversas de que eles são os representantes do Criador deste universo! Onde está esse Criador? Por que ele não vem a mim e responde-me diretamente? Por que não me mostra como ele a tudo criou e quais são as leis que ele fez para a evolução de cada ser que foi por ele criado?”

E diante da magnitude da “avalanche” de ideias que eu anexava ao meu psiquismo, fui ficando cada vez mais “ensimesmado”, “nervoso”, “agitado”, “petulante” e “arrogante”. Os meus pares já nem conseguiam “encostar-se” a mim porque eu estava a emitir sinais que pareciam doer neles, como se recebessem um choque. Eles sentiam que havia algo de errado comigo, pois um capelino é urdido neutro, ou seja, ele não tem sentimentos e não muda de vibração! Entretanto, eu estava a alterar a vibração a cada instante, e não conseguia mais controlar-me.

Portanto, o quanto pude, mantive distância de todos. Não queria conversar com ninguém. Contudo, tempos depois, recebi a visita de um capelino da família Mion, chamado Len Mion. Nós já havíamos trabalhado juntos em algumas pesquisas sobre a evolução das espécies que o Criador fez. Ele soube que eu estava isolado e que não queria ver ninguém, o que lhe pareceu estranho. Então, ele veio ao meu encontro para perguntar-me o que estava a acontecer. Recebi-o com uma certa dose de desconfiança porque pensava que ele seria mais um para examinar-me o íntimo. Todavia, ao conversarmos, percebi que ele não estava ali para sondar-me — da mesma maneira pela qual o Codificador havia feito —, mas porque queria saber, realmente, o que estava a acontecer comigo a ponto de se justificar tanto isolamento da minha parte. Pensei que seria bom ter a opinião de alguém de fora da minha família, e que, talvez, ele conseguisse entender que, o que eu havia descoberto, era importante para todas as famílias de capelinos.

A visita de Len Mion pareceu-me oportuna.

— Ó Len Mion, quer, realmente, saber a verdade? — indaguei, indo diretamente ao assunto. — Se pergunto assim é porque quero verificar se você realmente está interessado na verdade ou somente veio aqui com o objetivo de me sondar para, depois, ir direto até Sophia, contar-lhe o que observou!

— O que se passa, ó Yel Luzbel? — perguntou-me Len Mion. — Afinal, o que você descobriu que possa interessar a Sophia, o representante do Criador nesta parte do Universo? Então, conte-me o que você sabe para que eu possa constatar se, de facto, é algo importante ou não para todos nós que aqui vivemos. Conte-me tudo!

Pensei por um momento e não resisti, narrando-lhe o que havia descoberto. Conte-lhe sobre as minhas questões, sobre as reuniões com os sábios da minha espécie, da visita do Codificador e, principalmente, do que andava a pensar a respeito de tudo o que estava a acontecer.

Ele ouviu-me sem interromper-me. Depois, levantou-se e perguntou-me:

— Em que se baseiam essas suas teorias? Como você chegou a essas conclusões? Já as colocou para Sophia? Pretende seguir adiante com elas?

Efetivamente, Len Mion era surpreendente. Ele, calmamente, tentou organizar uma linha de raciocínio a respeito do que eu havia lhe contado.

Entretanto, eu disse-lhe:

— Ó Len Mion, responda-me você às perguntas que me fez! Não ouviu corretamente o que eu lhe expliquei?

— Diga-me o que você acha a respeito de tudo o que lhe contei?
— continuei a falar, “nervosamente”. — Qual a sua opinião sobre as teorias que lhe expliquei?

Depois de me olhar por um certo tempo, falou-me, tranquilamente:

— Acalme-se, Yel Luzbel. Eu o ouvi muito bem! No entanto, preciso entender o que você realmente descobriu. Terá de haver uma resposta lógica para todas essas suas questões. Primeiro, quero saber por que Sophia não lhe deu algum retorno sobre as suas dúvidas, uma vez que ele é o representante do Criador e é quem responde por todas as famílias capelinas que aqui estão congregadas. Causa-me muito espanto você dizer-me que ele se recusa a recebê-lo, pois eu nunca soube de algo parecido. Sophia sempre esclareceu todas as dúvidas postas pelas famílias que aqui vivem, principalmente quando é procurado pelos mais sábios. Isso muito me causa admiração! Realmente, algo se passa! Por que ele não os recebeu? Por que ele não quer dizer-lhe a verdade? E o que

é que você acha? E qual seria a verdade? Responda-me, ó Yel Luzbel!

— Quer, de facto, saber o que penso, Len Mion? — desabafei. — Pode aguentar o que penso, de verdade, sobre o Criador, a sua Obra e, principalmente, sobre os representantes do Criador neste quadrante do universo? Está preparado para perder todas as bases que você e a sua família construíram, ou melhor, foram conduzidos a construir, ao longo dos anos que aqui vivemos? Quer anexar em você a incerteza e a preocupação ao descobrir que está envolvido numa simulação fantasiosa a respeito da vida que levamos neste ambiente, e que se espalha por todos os cantos deste universo que foi criado por alguém que nunca vimos ou sequer percebemos como real?

— Conte-me tudo! — pediu Len Mion. — Não omita nada! Quero a verdade, seja ela qual for! Se, por um acaso, eu concordar com você nas suas teorias, mudarei o rumo da vida da minha família e não seguirei mais Sophia. Conte-me e veremos o que vai acontecer em seguida.

Devo dizer ao leitor que senti-me tranquilo com aquela conversa. Entenda-me! Eu acreditava firmemente em tudo o que eu estava a dizer e, para mim, não havia dúvida a respeito das questões que eu tinha feito. Por isso, não senti “medo” do julgamento de Len Mion. Já me relacionava com ele há muito tempo. Conhecia o seu temperamento e sabia que, quando ele acreditava em algo, nada podia demovê-lo das escolhas que ele fizesse. Eu achava que ele

teria equilíbrio suficiente para julgar se eram coerentes ou não as questões que eu estava a levantar.

Quão cegos podemos ser diante dos factos! Entretanto, naquela época, tudo era muito intenso. Sentia-me de tal modo que não havia mais espaço para dúvidas sobre a pretensa verdade que eu pensava saber. Algo me levava adiante. Não conseguia mais controlar-me e achava que tinha chegado o momento de partilhar com alguém do meu convívio o que eu tinha descoberto.

Então, o começo da minha derrocada e da participação de outros seres nos caminhos tortuosos que eu seguiria a partir daquela ocasião, teve início naquela simples visita que um ente de uma outra família fez a um companheiro de estudo e pesquisa. Len Mion tampouco poderia medir o tamanho da confusão em que nos envolveríamos a partir daquela conversa. Que pena! Então, não tinha mais retorno! O problema tinha se iniciado, e eu estava a ser o veículo disseminador de tudo aquilo. O que não tem remédio, remediado está! — diz esta escritora.

Adiante, narrarei como foi a reação de Len Mion ao que lhe contei, e os acontecimentos que se seguiram após a sua visita.

Até breve!

CAPÍTULO 6

A Impensável Prepotência de um Capelino

Quando comecei a narrativa sobre o que pensava a respeito da Criação, do Criador e de Sophia, o meu “irmão de caminhada” — Len Mion — quase não conseguia falar, tal foi a repercussão que isso causou nele. Devo confessar que muito me custa, atualmente, refletir sobre tal impacto.

Penso que, se não tivesse tido essa conversa com Len Mion, talvez — somente talvez — ele não tivesse se transformado no que ele se tornou. Entretanto, o que fazer com as forças que nos movem numa direção na qual não sabemos o que vai acontecer conosco nem com aqueles que estão ao nosso lado? Como fazer para prever o resultado das nossas atitudes? Como podemos prever o que vai acontecer quando falamos ou sentimos algo no presente? Não há como realizar esses objetivos. Simplesmente agimos e esperamos que o “fruto” da nossa ação seja bom — apenas desejamos intimamente isso.

Contudo, naqueles dias de Capela, nada disso era possível porque eu encontrava-me envolvido com meus pensamentos e sentimentos, e não tinha como parar para observar se o que eu estava a sentir podia render “frutos” bons ou maus. Não havia como! Não era possível prever que aquilo que se movia e crescia no

meu íntimo pudesse levar-me, e a tantos outros, por “mares nunca antes navegados” e por “maremotos” de dimensões tais, que poderiam sucumbir-nos a todos, como de facto aconteceu. Muitos perderam-se e outros morreram para o que eles eram, reconstruindo-se de modo tal que seria impossível para qualquer um de nós, que entrámos com tudo nessa aventura, pensar, ou melhor, sequer imaginar para onde estávamos a dirigir-nos.

Len Mion não conseguia parar de falar consigo mesmo, em voz alta. Parecia até que eu não estava ali. Ele tentava organizar o que eu havia dito, numa linha lógica de entendimento, na qual ele procurava descobrir se aquelas informações faziam algum sentido ou não. Ele pediu-me um tempo para se organizar mentalmente, e disse que voltaria para retomarmos aquela conversa.

Eu fiquei sozinho, a pensar se havia tomado a decisão certa ao falar com Len Mion, mas já não conseguia atinar para o que era certo ou errado. Lembro-me que fiquei a perguntar-me: “E se, efetivamente, tudo o que eu imaginei com relação às descobertas que fiz fosse verdadeiro? O que faria com isso? Como seria, a partir dali, a vida de todas as famílias de capelinos que habitavam aquele quadrante do universo? E os outros, que eu sabia que também existiam noutros quadrantes, qual seria a postura deles caso soubessem dessas questões?” Eu não fazia ideia!

Uma sensação de incerteza crescia de maneira muito obstinada dentro de mim quanto ao que fazer a respeito das questões que eu havia levantado sobre o Criador e a sua Criação, e das respostas

que eu havia dado para elas. Eu pensava que não podia nem devia escondê-las de ninguém.

Todos precisavam saber que as coisas em que acreditávamos eram uma grande mentira! Todos tinham que perceber que este pretenso Criador, que não se mostrava neste universo, podia não existir! E caso existisse, a sua Obra, ou seja, nós e os demais seres que por ele foram criados, estávamos aprisionados e impossibilitados de evoluir porque, se o que eu descobri fosse verdade, nada nem ninguém aqui congregado podia transformar-se para algo melhor sem que o Criador também o fizesse!

Cheguei a essa conclusão porque atentei-me para o facto de que os anjos assessores de Sophia, que eram menos evoluídos vibratoriamente do que eu, podiam ver o Criador e eu não — portanto, possivelmente, o Criador teria o mesmo nível de vibração que tais seres que o percebiam. Como tal podia ser? E se este Criador realmente existisse, ele deveria — até por respeito a nós, que já estávamos numa condição superior de vibração — orientar-nos quanto à Obra e como fazer para que esta seguisse um plano de equilíbrio melhorado!

Naqueles momentos, eu não percebia, mas agora vejo o quanto já estava emaranhado com os meus próprios pensamentos, pois achava-me superior a muito seres só porque descobri algumas coisas que eu julgava serem de extrema importância para todos! O que o orgulho, de pensar tudo saber, pode fazer com um ser! Eu estava contaminado com tantas ideias equivocadas que já não atinava com nada! Somente crescia em mim uma revolta que,

naquela época, incapacitava-me de tentar acalmar-me, pacificar-me e esperar por alguma orientação dos mais sábios da minha família — isso sim, teria sido uma atitude prudente da minha parte!

Bem, ao menos, procurei-os! Mais uma vez, fui ao encontro daquele que era o mais sábio entre nós. Ao receber-me, ele foi logo fechando o seu “circuito vibratório”.

Percebi de imediato essa atitude dele, e por isso perguntei-lhe, num tom desafiador:

— Por que você age assim comigo? Por que fecha o seu “circuito” diante de um outro Yel? Por que você trata dessa maneira um irmão?

— Ó Yel Luzbel, o que lhe aconteceu? — retrucou o meu irmão mais sábio. — Você está mais desequilibrado energeticamente do que demonstrava no nosso último encontro. Já não o reconheço! O que você anda a pensar para provocar tantas vibrações negativas em si próprio e em quem se aproxima de você? Não percebe o que está a provocar nos outros? Não nota que anda a causar desconfortos nos que chegam próximo a você? Por que se comporta dessa maneira? Sendo um membro da família Yel, um pesquisador de alto nível, do primeiro escalão, como se permite agir assim? Responda-me!

Ouvi as colocações do meu irmão mais sábio, mas nada captei delas porque não conseguia mais prestar atenção àquele tipo de

conversa. Talvez, estivesse tão perdido no eco das minhas questões que já não mais atentava para as ponderações dos outros.

— Diga-me, ó mais sábio dos Yel, se Sophia respondeu ao nosso desejo de estar com ele? — retruquei, de volta. — É somente isso que quero de você, ou seja, saber se ele vai receber-nos ou não.

— Ó irmão meu! — lamentou-se o meu irmão sábio. — Nunca o vi comportar-se de maneira tão indelicada! Você não era assim! Em nenhum momento da sua existência, você tratou-me dessa maneira! O que se passa, ó meu irmão? Diga-me, pois quero ajudá-lo! Não se perca nessa vibração desarmónica! Tudo isso está a fazer-lhe tanto mal! Inclusive, está afastá-lo de nós, que somos da mesma família e que sempre nos respeitámos! Você já não se parece mais com um capelino! Está tão diferente que já nem o identifico! A sua vibração e a sua energia, já não as reconheço! Você é outro ser! Percebe que você tem apresentado uma "inquietação" que está a mudar a sua composição pessoal? Consegue descortinar isso ou não?

Sinceramente, não lhe dei ouvidos, pois não era essa a resposta que eu procurava.

E, simplesmente, levantei-me e disse-lhe:

— Se você não pode responder-me de maneira direta ao que lhe perguntei, nada temos a conversar. Quando tiver algo a dizer-me a respeito da pergunta que lhe fiz, avise-me, que venho ao seu

encontro. Agora, se for para escutar as questões que me fez, não venho mais diante de você ou de qualquer irmão de espécie. Todos vocês estão a ser enganados! Não conseguem perceber? Vou desmascarar tudo isso, e todos me agradecerão por fazê-los verem a verdade. Eu vou enfrentar Sophia e mostrar que ele não mais me engana. Vocês, da família, vão descobrir o engodo que é este Criador e toda a sua Obra e, aí, quero ver o que vocês vão dizer-me!

Já não atinava coisa com coisa! Era o fim da razão, do bom senso e do equilíbrio! A partir daí, somente o desequilíbrio seria a tônica da minha vida.

CAPÍTULO 7

Rompendo o Lacre Mental:

O que Virá a Seguir?

Mostrar o que pensamos ou sentimos é sempre um risco — e esta escritora concorda comigo. Não há como expor os nossos pensamentos ou sentimentos sem que nos julguem. Se os revelarmos, em algum momento, isso fará com que sejamos julgados, positiva ou negativamente. Uns compreenderão o que estamos a dizer, mas outros não. Inclusive, pode acontecer do entendimento alheio ser contrário ao que tentamos dizer. Neste universo, é assim! Entretanto, o ideal seria que refletissem sobre o que estamos a dizer, e não que nos “rotulassem”.

Sim, compreendo isso perfeitamente bem! Sei o risco que corro por revelar a minha versão sobre a “Rebelião dos Anjos Decaídos”, porém, agora, posso aguentar com qualquer opinião que venham a ter a meu respeito. Antes, eu não conseguia, pois eu não tinha força suficiente para suportar o julgamento dos demais, e por isso, isolei-me. Todavia, atualmente, acreditem-me, não há mais tempo para suscetibilidades pessoais. Não me cabe mais ter esse tipo de cuidado comigo! Abro-me, exponho-me e receberei o que vier!

A minha única preocupação era se esta escritora estaria preparada para o que eu precisava contar. Para a minha tranquilidade, ela está! Eu sei que está, portanto, vamos ao relato!

Naquela época, o que é que eu fui capaz de descobrir? Qual era o motivo de tanta confusão interna em relação ao Criador e a sua Criação? Vou tentar esclarecer o leitor.

Nestes tempos atuais, por meio de Val El — reencarnado como humano terrestre — e do Codificador de Zion, esta humanidade já começa a saber que esta Obra é imperfeita e que o seu Criador está “doente”. Eu descortinei algo equivalente a isso naquela época de Capela, ou seja, descobri que o que existe neste universo não deveria existir de modo nenhum, que tudo o que aqui nasceu não deveria ter nascido, e que não há ou não havia organização ou qualquer direção segura para que aqueles que nele estão, pudessem evoluir e sair dele — neste universo, a dor e o sofrimento são as principais molas propulsoras da evolução de todos os seres criados.

Talvez o leitor indague o que isso tem de mais? Caso pergunte, é porque se acostumou à vida a ser assim, com dor, sofrimento, doença e morte. Entretanto, saibam que essas tragédias não deveriam existir, e muito menos fazer parte da cadeia de evolução de qualquer ser vivente deste universo. Seres com outro tipo de experiência de vida — diferente da do *Homo Sapiens* — percebem que este tipo de existência à qual muitos humanos terrestres se acostumaram como sendo normal, não é tão comum assim nesta Criação.

Eu, enquanto capelino, não aceitei a vida da maneira que ela era. Mesmo tendo um corpo longevo, que não sentia dor e que não sofria, quando me deparei com a realidade sobre este universo e sobre a “doença” do Criador, fiquei perplexo por isso ser verdade. É difícil viver despreocupado depois que descobrimos que todos os seres que foram criados neste universo, independentemente do tempo que vivessem, não teriam como evoluir para poderem sair dele, a não ser que o próprio Criador também evoluísse. Ou seja, estávamos todos presos e atrelados a um Ser que eu nem sequer sabia se existia ou não, condenados a viver sem que soubéssemos para onde caminhávamos e qual seria o resultado disto tudo. Para que existíamos? Para onde estávamos a ir? Qual o sentido de tudo existir?

Os ex-capelinos, agora vivendo como humanos, talvez possam pensar sobre esses assuntos de modo muito tranquilo, ou seja, refletindo sobre as questões postas sem se preocuparem em encontrar respostas para elas. Ainda que não achem soluções para as suas questões, os humanos podem passar a vida toda sem maiores conflitos — digamos assim.

Todavia, para a nossa programação de capelinos — que vivemos muitos anos, aliás, centenas de milhares de anos —, ter perguntas sem respostas é algo tão fora do comum que isso causava em nós um tipo de sensação que, talvez, os humanos não consigam compreender. Ou seja, era algo assustador e até aterrador para nós, enquanto seres que fomos criados e programados para determinadas missões intelectuais, visando responder a indagações

que nos eram dadas enquanto famílias que pesquisavam vários campos da existência capelina e do universo.

Então, se não havia respostas para as questões, não havia sentido para as nossas existências! Conseguir o leitor compreender isso? Parece tudo muito sério! — diria esta escritora. De facto, era sério para a nossa constituição não termos possíveis respostas para as questões levantadas, e isso tirava-nos o motivo para o qual existíamos.

Eu, ao deparar-me com o facto de que os seres deste universo eram “doentes” e que o seu Criador era mais “doente” ainda, que as nossas existências não tinham sentido e que o que poderia de melhor acontecer era que tudo fosse destruído, formulava mais questões. Então, qual o sentido de tudo isso? Por que temos seres que nos criam, que nos comandam, e que nos dizem o que fazer e o que pensar, se este universo nem deveria existir? Por que todos os seres que aqui vivem e, principalmente, os “menores” da Criação, terão que ficar aprisionados a um Ser “doente” e que está a levar a todos para a destruição? Eu só conseguia ver dor e sofrimento no nosso caminho. E estes eram de tal monta, que eu questionava o porquê de todos estarmos a ser guiados pelos que se diziam representantes do Criador para um determinado tempo, se o que de melhor poderia acontecer era sermos todos destruídos para podermos libertar-nos desse Ser — que eu nem ao menos sabia se efetivamente ele existia!

E se Sophia e as suas hostes, na verdade, fossem esse Criador que tenta fazer-nos de massa de manobra para que soframos, e

que nós, enquanto seres controlados por ele, tenhamos que elaborar a “cura” para ele próprio através do nosso sofrimento? E se ele e os seus descendentes estivessem a usar-nos para esse fim? Não conseguia atinar como fazer para saber se Sophia era, na verdade, esse Criador que se escondia atrás da sua fala, do seu rosto e do seu controlo.

Todos precisavam saber que Sophia a todos criou sem atinar com o que estava a fazer, e que o resultado da sua Criação era uma verdadeira prisão para todos os seres que passaram a existir, que ele enganava a todos, fazendo-nos crer que precisávamos evoluir para nos tornarmos perfeitos, já que este universo era “perfeito”. Grande mentira! Sophia não era perfeito e este universo tampouco o era, e as criaturas daqui constituíam somente massa de manobra nas mãos dos que nos aprisionavam, sob as suas vontades, para que achássemos a solução para o “problema” que eles criaram! Essa era a verdade que eu havia descoberto! E eu a contaria a todos, para podermos libertar-nos de Sophia e as suas hostes.

Para podermos sair deste universo, a primeira coisa que tinha que acontecer era libertamo-nos do domínio deles! Eles enganavam-nos com os seus controlos e contando histórias inverídicas! Eu acreditava, naquela época de Capela, que a nossa realidade era dessa maneira!

Até o Codificador estava a ser enganado — pensava eu. Ele também não sabia da “verdade”, e era controlado por Sophia, aliás, todos eram controlados por Sophia. Os meus irmãos da família Yel

também eram enganados e controlados por Sophia. Assim eu achava!

É importante que o leitor saiba que, naquele tempo, com o tipo de corpo e mente que eu tinha, algumas situações eram bem mais expostas do que podem parecer aos humanos. Lembre-se que tínhamos uma mente poderosa e podíamos processar muita informação — éramos capazes de selecionar, organizar e armazenar uma enorme quantidade de informações na nossa mente. Como ideia para comparação, podíamos executar, somente com as nossas mentes, o mesmo que os vossos computadores mais avançados o fazem. Éramos frios, o nosso pensamento era linear, e conseguíamos pensar de maneira analítica, lógica e sem emoções.

Eu, a partir de certo momento, é que comecei a usar a emoção, e isso foi deturpando o meu senso lógico e linear e, a partir daí, comecei a ter pensamentos que a nossa espécie nunca teve, porque passei a anexar, na minha composição corporal, certas particularidades que foram me transformando, me transmutando, até eu ficar muito mais biológico do que eu era até então. Ou seja, já não era mais guiado pelo poder da minha mente, pois a parte biológica, que existia na minha condição de capelino, estava a processar sensações e as transformando em emoções, que contaminavam os meus pensamentos, que antes eram lineares e lógicos.

Veja o leitor como as sensações contaminam os nossos pensamentos: quando uma pessoa escuta uma música, vê um quadro, lê uma poesia e, se aquilo a sensibiliza, ela perde o senso

racional e é levada por ideias que, às vezes, fogem da ótica racional e lógica! Assim aconteceu comigo quando comecei a ter sensações que se transformavam em emoções, e essas emoções dirigiam os meus pensamentos. Então, passei a ser diferente, pois realizei em mim uma transmutação. Já não era o mesmo ser, e não me comportava mais como um capelino. Sentia muitas emoções que não me permitiam continuar a ser frio, racional e lógico, como os demais do meu gênero. Consegue o leitor compreender essa minha situação?

A lógica dos capelinos já não fazia mais sentido para mim. Entretanto, agora, posso perceber que, naquela altura, tal oscilação emocional era o que possibilitava que a “trava” — o “lacre mental” —, que fechava os meus olhos e a minha mente, pudesse ser desfeita, ou retirada. Somente as emoções poderiam fazer isso com um capelino, porque não éramos preparados para lidar com elas. Nós sentíamos-nos e comportávamo-nos sempre de modo igual. Não havia oscilações de alto e baixo no nosso sentir ou no nosso agir. Éramos da mesma maneira para todo o sempre da nossa existência. E o que aconteceu é que, quando comecei a oscilar entre uma sensação e outra, uma emoção e outra, um pensamento e outro, algo se rompeu, e ocorreu uma “avalanche” de mudanças tão grande dentro do meu corpo e da minha mente racional e lógica que tive um colapso — tive um surto, como diz esta escritora, num linguajar mais moderno. Colapsei, realmente! Tudo era novo e muito forte no meu íntimo. Tempos difíceis! Todavia, nada se compara, em termos de intensidade e quantidade de emoções, com os tempos que os humanos experienciam na Terra.

Vivenciar este tempo em que o leitor vive, tem um tom de incerteza quanto às possibilidades de dor, de sofrimentos e de obstáculos. Nem sei como a humanidade consegue suportar a vida, dia após dia, dentro dessa incerteza aterradora — pelo menos, para mim seria aterrorizante. Enquanto capelinos, tínhamos estabilidade em todos os campos da nossa vida — o leitor poderia perguntar como conseguíamos viver nessa “chatice”, onde nada mudava, nada acontecia para quebrar a rotina do dia a dia. Realmente, nada era diferente, e não tínhamos oscilações em nenhum aspeto da vida quotidiana. Éramos seres estáveis, racionais e lógicos.

Há uma capacidade que os humanos terrestres possuem, e que eu, em particular, adoro que tenham desenvolvido, ou seja, é a capacidade de rir de si próprios, de sorrir diante do inevitável, e ainda que a vida se apresente com dor e sofrimento. Os humanos conseguem superar, todos os dias, os obstáculos que ficam a espreitá-los em todos os momentos do dia. Penso que eu não conseguiria tanto. Acredito que, de facto, a espécie *Homo Sapiens* é o melhor resultado que este universo já produziu — é o que de melhor poderia existir em todo o universo, que foi criado por aquele que os ocidentais conhecem como “Javé”.

Adiante, narrarei o meu segundo encontro com Len Mion, e o que disso resultou.

Por hoje, basta para esta escritora!

CAPÍTULO 8

Discurso para a Família Mion sobre o Criador e a Sua Obra

O encontro seguinte com Len Mion deu-se de uma maneira que eu não esperava, pois eu achava que teríamos uma conversa entre nós dois apenas. Contudo, ele reuniu vários membros da sua família e convidou-me a explanar para eles o que eu tinha descoberto. Esta foi a primeira vez que falei, em público, a respeito do que pensava sobre o Criador e a sua Obra e sobre os Administradores deste universo — principalmente sobre Sophia.

Ao chegar ao recinto em que eu pensava que somente estaria com Len Mion, e ao deparar-me com todos aqueles seres, recuei diante de mim mesmo. O que dizer a eles? E se eu estivesse equivocado? Os meus irmãos mais sábios haviam solicitado a mim para que não falasse com mais ninguém sobre esses assuntos, portanto, o que dizer diante de tantos membros da família Mion?

Cheguei bem próximo de Len Mion e perguntei-lhe:

— Ó Len Mion, por que você trouxe tantos capelinos para o nosso encontro?

— Ó Yel Luzbel, eu reuni aqui, perante você, aqueles seres da minha família que julgo mais ousados, mais inteligentes e mais corajosos na maneira de pensar — respondeu-me Len Mion. — Trouxe-os porque sei que, se todos nós, enquanto mente coletiva, pensarmos sobre esse assunto e chegarmos a alguma conclusão, então, não haverá retorno, não haverá dúvidas, iremos em frente com o que aqui for decidido. Nós, da família Mion, somos assim! Somos ousados e permitimo-nos pensar um pouco mais além do que vocês, da família Yel. Assim sendo, — digo-lhe a verdade — muito me surpreendeu que você, e não eu, tivesse chegado a essas conclusões a respeito do Criador e do universo. Devo dizer que o que mais me interessa, de facto, é entender a participação ou não de Sophia nisso tudo. É a ele que quero chegar.

— Bem, comecemos, então! — solicitou-me Len Mion. — Fale e deixe connosco decidirmos se o que você dirá é procedente ou não. Deixe esse julgamento para nós, da família Mion. Se decidirmos que não existe sentido nas suas palavras, esse assunto morrerá aqui, fecharemos o “circuito mental” e nada do que você mais disser a respeito desses assuntos nos interessará. Portanto, não tenha receio de falar e deixe connosco o julgamento final. Não era isso o que você queria? Não era isso que você tentou com todos os seus irmãos mais sábios, mas que fecharam o “circuito vibratório” diante de você? Observe que estamos todos abertos, e que ninguém, aqui, está com o “circuito” fechado. Então, fale! Estamos prontos para ouvi-lo!

Quando vi que quase toda a família Mion estava presente, senti algo que nunca havia percebido antes — talvez, o que os humanos

chamam de “medo” —, e quis recuar, quis voltar atrás e dizer que nada havia a ser dito. Entretanto, alguma coisa dentro de mim também me impulsionava a ir em frente, como se me dissesse que a oportunidade que eu tanto esperava havia chegado. Nunca, na minha vida de capelino, tinha vivido situação parecida, ou seja, uma contradição de pensamentos, num tempo curtíssimo. Por fim, venceu a motivação da tola pretensão de tudo saber e de estar num momento revolucionário das nossas vidas de capelinos sempre iguais.

E, realmente, aquele momento era inovador, pois nada desse tipo havia ocorrido, até então, entre as famílias de capelinos que viviam em Capela. Pela primeira vez, um membro de uma família era recebido por membros de outra sem os trâmites legais, que consistiam em, inicialmente, ser convidado e, depois, consentir com o convite e, geralmente, os que falariam diante dos outros eram os mais sábios de cada família, além daqueles que fossem convidados por esses mesmos sábios para fazer algum tipo de intervenção, mas tudo muito bem estruturado e preparado. Nada parecido com o que, então, ocorria.

Portanto, segui em frente. Preparei-me mentalmente, estabeleci os critérios que usaria e iniciei a minha exposição desde o princípio de tudo — usei um modo de expressão que os humanos, na Terra, entendem como “discurso”.

Eis o que lhes disse:

— Irmãos da família Mion, eu, Yel Luzbel, os saúdo! Estou aqui, na presença de vocês, para contar o que eu descobri com as investigações que realizo enquanto pesquisador, mestre em perceber a graduação possível de entendimento que as criaturas deste universo têm com relação ao Criador e à sua Obra.

Após apresentar-me e saudar a família Mion, introduzi a primeira questão:

— Dito isso, quero informar-lhe que me deparei com algo incompreensível para a minha lógica de pesquisador, ou seja, que todos os seres aqui criados percebem da mesma maneira o Criador e a sua Obra.

Independente do grau de evolução em que estejamos inseridos, todos nós entendemos o Criador do mesmo modo. Ou melhor dizendo, se um ser que vive num planeta distante e que nasceu há pouco tempo percebe o Criador como nós o entendemos — que já existimos em Capela há tanto tempo e já evoluímos de maneira tal que somos seres que detém algum conhecimento sobre as leis que regem este universo — , então, não há diferença entre os seres no que diz respeito à evolução que cada espécie produz. Que leis são essas que medem todos por igual e que fazem com que percebamos tudo da mesma maneira? E vocês, da família Mion, não importa o que façam ou o quanto evoluam, os “seres menores” desta Criação terão a mesma percepção que vocês a respeito do Criador e da sua Obra. De que serve existirmos há mais tempo e trabalharmos para que as nossas famílias evoluam em entendimento e conhecimento, se eu e vocês não conseguimos perceber nada a mais do que eles,

os “menores” da Criação? Isso foi o que eu, inicialmente, questionei. Vocês estão a entender-me? As nossas vidas, os nossos esforços e os nossos trabalhos não adiantam nada! Andamos todos do mesmo modo e com a mesma percepção! Esse é o primeiro ponto!

Segui, discursando sobre a segunda questão:

— Se o Criador de facto existe, por que ele não vem até nós, que somos os seres mais inteligentes da sua Criação, e se mostra de maneira plena, sem usar de intermediários para esse fim? Por que ele se esconde atrás de Sophia e dos seus prepostos? Por que ele não vem e fala por si próprio? Por que Sophia é quem fala por ele? Quem, afinal, manda em quem? Quem é Sophia? O que está por trás do mito criado por Sophia a respeito desse pretenso Criador que nunca foi visto em todo o universo desde a nossa existência nele? Quem outorgou Sophia para que fosse o seu representante? O segundo ponto é esse!

Abordei, então, a terceira questão:

— Se ele é o Criador de tudo e todos, por que fez algo tão desigual? Por que nos criou de maneiras diferentes, em tempos diferentes, mas com a mesma capacidade de percepção com relação a ele e à sua Obra? Eis o terceiro ponto!

Passei a contar, então, o posicionamento da minha família e o de Sophia sobre as três questões que eu levantara:

— Fui me perguntando e questionando os mais sábios da minha família sobre esses pontos e nenhum deles conseguiu explicar-me, de maneira razoável, as questões postas. Então, eles pediram a Sophia que nos concedesse um conclave para que nos esclarecesse a respeito desses assuntos. Contudo, Sophia nem se dignou a responder-nos! Nunca retrucou a minha solicitação!

A seguir, falei sobre o meu problema de isolamento:

— Os meus irmãos maiores do que eu em sabedoria “fecham-se” quando deles me aproximo. Nem me convidam mais para as reuniões familiares. Por que estou a ser isolado, posto de lado por aqueles que podem responder às minhas indagações? Ou eles de facto não sabem respondê-las ou não querem que ninguém saiba a verdade! Eu acredito mais na hipótese de que eles não querem que nós saibamos a verdade!

Vocês devem estar a perguntar-se que verdade é esta, e eu vou dizer-lhes, neste momento, o que se passa neste universo, para que vocês entendam o quanto estamos a ser enganados e usados para determinados fins — sobre os quais eu tenho receio de descobrir todos os pormenores —, que envolvem o Criador, a sua Obra e quem de facto é Sophia.

Então, regressei ao assunto relativo às três questões que eu levantara:

— Vamos focar, de um modo geral, nos três pontos já explanados. O Criador, ele existe? Algum de vocês ou os mais sábios da sua família o viram? Sabem de alguém que o tenha visto nessas centenas de milhões de anos desde o nosso nascimento? Quais são as leis que regem este universo? Quem as definiu? Quem disse que deveria ser assim? Por que todos os seres desta Criação, independentemente da sua origem e da sua evolução, percebem o Criador de modo igual? Ao me deparar com essas questões, fui a fundo nelas, e o que descobri sobre isso deixou-me ainda mais estarecido. Eu não negarei a vocês nada do que deduzi, pois vou falar tudo o que descobri! A verdade é que estamos todos condenados a uma vida sem sentido, sem regras definidas e sem objetivo individual a cumprir, além de aprisionados a algo ou a “Alguém” que precisa de cada um de nós para poder cumprir com o seu papel, de modo a poder finalizar a sua Obra. O que estou a tentar dizer a vocês é que descobri que, se este Criador existe e se ele a tudo e a todos criou, ele não sabia o que estava a fazer, e se ele criou a todos, então, estamos todos aprisionados a ele, que não fez nada realmente produtivo nesta Criação.

Encerrei o meu “discurso” com mais algumas considerações:

— Sei que tudo parece muito difícil, portanto, vou tentar explicar melhor. Se este pretenso Criador existe, e se, efetivamente, ele tudo criou, alguma coisa saiu errada porque o produto da sua Obra não é bom, ou seja, ela está incompleta — na melhor das hipóteses. Penso que o pior se deu na criação deste universo, algo que nos aprisiona a esse Ser e à sua Criação, sem que disto possamos nos livrar. Então, a única conclusão que chego é que somos seres

retidos nesta Criação e que o Criador propagado por Sophia não existe. Acredito que Sophia nos mantém reféns e nos ilude com essa versão de um pretenso Criador. É isso que penso! Deixo que vocês reflitam e me digam o que acham. Juntem as suas mentes e estabeleçam uma só reflexão a respeito do que aqui falei para vocês! Contudo, antes de tudo, quero que se perguntem se vocês se sentem livres. Vocês podem ir ou vir sem que ninguém os impeça disso? Vocês, enquanto “mente individual”, conseguem sentir-se um ser individualizado? Pensem, depois, enquanto “mente coletiva”, e digam-me o que acham.

No próximo encontro, narrarei a conclusão à qual eles chegaram.

Hoje, este “aparelho” — ou seja, esta escritora — desgastou-se para tentar entender o que eu procurei informar.

CAPÍTULO 9

O Início do Fim para a Família Mion

O tempo, esse senhor dos nossos sonhos, às vezes, não passa de maneira tão rápida quanto gostaríamos, pois para nós, capelinos, que vivemos centenas de milhões de anos, é como se ele não existisse — desde que nascemos para a existência, o tempo é todo nosso.

Então, ao sair do “circuito de vibração coletiva” da família Mion, deixei-os a pensar por si próprios, fora da minha “sintonia pessoal”.

Depois de discursar, fui ao local que sempre buscava quando necessitava recompor-me — precisar de harmonizar-me, também era um facto novo para mim. Até antes das minhas indagações, nada disso era preciso, pois eu ainda não tinha, em tempo nenhum da minha existência, saído da minha “condição de vibração” com a qual fui criado. Tudo era sempre igual e a minha mente funcionava perfeitamente bem, na direção que a minha família era condicionada a existir. Entretanto, quando algo muito poderoso passou a crescer dentro de mim, eu nada mais podia fazer para deter o fluxo que tomava conta do meu íntimo. Eu tornei-me outro ser! Já não mais me sentia, pensava ou me comportava como antes. Que seja!

Ao adentrar no ambiente que eu fazia de meu refúgio particular, sentei-me e tentei entender o que acabara de acontecer. Nunca havia falado para tantos capelinos a respeito do que eu andava a pensar. No que tudo isso resultaria? Qual seria a conclusão que eles chegariam? Estava eu certo ou equivocado? O que entenderiam sobre o que eu havia dito a eles? Essas questões atormentavam-me a mente. Então, de repente, como se aquilo estivesse sempre presente em mim e eu é que não tivesse percebido, respirei — ou algo que se assemelhe a isso — e cheguei à conclusão que tudo já estava feito. Não havia retorno a partir daquele ponto! O que viria, com certeza, não seria bom, pois que não estávamos preparados para tal, porém, em algum momento, um acontecimento desse porte teria que ocorrer.

Entretanto, por que eu fui o “escolhido” para promovê-lo? Quais são, realmente, as minhas motivações pessoais para agir assim? O que se esconde por trás desses meus atuais pensamentos para me fazer agir contrário às ordens que recebi dos meus irmãos mais sábios do que eu? Fiquei aprisionado a essas indagações por um longo tempo, sem que, de facto, achasse solução para elas.

Na atual situação em que me encontro, penso ter uma resposta para tudo isso. Com a ajuda da mente desta escritora, que apresenta senso crítico e razão filosófica sem afetação religiosa — que move a existência de muitos que, na Terra, estão encarnados —, ao longo destes últimos anos, andei a fazer algumas considerações e consegui elucidar claramente, para mim, o que sequer podia antever naquela condição, em Capela.

Quero esclarecer que, naquele tempo, eu ainda não tinha a percepção muito nítida de quais eram as motivações que me levavam a agir ou a pensar determinadas coisas. Só estava a deparar-me com algo que não entendia, e quanto mais pensava sobre isso, mais dúvidas surgiam. E sem nenhum tipo de resposta para as minhas indagações, isso fazia com que eu — enquanto ser programado, que não parava de pensar até achar alguma solução para a indagação feita — continuasse a provocar mutações genéticas em mim, num ritmo tão acelerado que a minha mente de capelino era incapaz de perceber a magnitude da mudança que estava a ocorrer no meu temperamento, ou seja, no meu modo de pensar e de agir.

Tornei-me um ser “ensimesmado”, fechado em si mesmo. Trouxe uma “avalanche” de emoções e sentimentos para dentro de mim, e agora sei que, por isso, eu era incapaz de mensurar, de maneira tranquila e pacífica, tudo o que estava a acontecer. Então, com todos esses acontecimentos, eu ficava cada dia mais “nervoso” e “agressivo” com os outros, pois achava que estavam a enganar-me. Voltando ao tempo em que tudo se deu, vejo que, se eu tivesse agido de modo diferente, nada do que sucedeu teria acontecido.

Por outro lado, há uns tempos atrás, esta escritora assim me disse:

“Se você não tivesse feito o que fez, eu não estaria aqui, livre para pensar e agir da maneira que eu decidir ou quiser. Se você não tivesse “movido a pedra” — o que fez com que, naquela época de Capela, tivéssemos a visão de que algo estava errado, que não

tínhamos liberdade, que éramos seres controlados pela natureza que nos foi imposta —, se você não tivesse percebido isso, a humanidade terrestre não teria oportunidade de evoluir! Os capelinos e outras formas de vida — que ainda estão aprisionados à condição de serem controlados pelos seus códigos genéticos, ativados em alto grau, que ditam como eles devem ser —, também não teriam oportunidade de evoluir! A “Rebelião” foi decorrente do que você fez, mas apesar de todo o sofrimento que ela gerou, também deu a oportunidade de muitos de nós morrermos para aquela existência e podermos nascer noutra, que é mais livre, permitindo-nos fazer o que queremos. Então, eu agradeço a você por isso!”

Isto que esta escritora me disse, há exatamente dois anos, ressoou — e ressoa — em mim como um acalento diante das dores morais que ainda sinto por provocar sofrimentos para tantos! Ela fez-me ver que, mesmo sofrendo a imposição de existências carnis, era agradecida por ter se libertado do outro tipo de existência — como capelino — que poderia durar centenas de milhões de anos, mas que também travaria, durante tal tempo, a sua evolução espiritual. Ela fez-me ver que, nesta pequena existência de uma vida terrena, apesar de todo o sofrimento que possa haver, há mais possibilidades evolutivas do que existir milhões de anos em um único corpo, porém pensando e agindo de modo igual.

Ela ainda me disse:

“Você não percebe que foi um grande feito para a nossa evolução o facto de você ter quebrado o “lacre” que nos mantinha aprisionados? Por que você se apega tanto aos sofrimentos gerados, esquecendo os benefícios alcançados? Por que você não leva em consideração que “alguém” teria que fazer o que você fez e que o resultado, apesar de todo o sofrimento, é bom?! Eu não queria estar noutra condição que não esta que eu tenho agora.”

Essa conversa impressionou-me e, depois de muitos milénios, pude perceber que, talvez, esta escritora tivesse razão. E isso mudou toda a perspectiva que eu tinha até então, sobre o que aconteceu, através de mim, em Capela — refiro-me à “Rebelião”. A ponderação desta escritora fez-me analisar todo o acontecimento sob um novo prisma.

Então, por isso, voltei à Terra com a certeza de que, rememorando os factos passados, eu e esta escritora, com a sua mente humana, poderíamos analisar toda a situação de tantos anos passados, sob uma nova perspectiva, ou seja, as visões de uma agora humana e as de um capelino. Vi que esta junção daria resultados positivos porque sei que esta escritora tem um olhar amoroso para comigo e com os meus feitos, então, nada do que digo será julgado por ela. E isso é importante para mim, pois, assim, consigo seguir em frente com a minha narrativa do que aconteceu num tempo onde eu sequer podia antever os resultados do que andava a fazer.

Retomo, então, a narrativa!

Tempos mais tarde, fui chamado novamente para estar com a família Mion. Desta vez, ao chegar ao ambiente, vi que, na sala, havia mais indivíduos que no encontro anterior e, entre eles, estavam os mais sábios daquela espécie. Entendi, portanto, naquela ocasião, que algo aconteceria, efetivamente, ou seja, se os mais sábios se deram ao trabalho de ali estar, então, aquele conclave redundaria em alguma atitude por parte deles.

Len Mion aproximou-se e disse-me:

— Ó Yel Luzbel, os irmãos mais sábios decidiram vir até aqui para ouvi-lo! Precisamos, enquanto família, que assim seja feito, pois, se os mais sábios visualizarem o que nós, enquanto membros, entendemos, então fecharemos um “circuito vibratório” e tomaremos uma decisão única. Deste encontro, tudo pode resultar. É um momento ímpar para a nossa existência enquanto capelinos. Vamos a ele! Prepare-se Yel Luzbel, e fale-nos novamente a respeito das suas indagações, para que os sábios possam medir, vibratoricamente, se há clareza nas suas questões. Não omita nada! Estamos aqui para ouvi-lo! O nosso “circuito mental” está totalmente aberto para você!

Vou contar, a seguir, como me senti ao posicionar-me à frente de toda a família Mion.

Essa família era muito grande, e eles tinham certas características muito acentuadas. Se havia determinada missão a ser cumprida, que fosse de grande complexidade no que se refere

a ter ousadia para ser levada adiante, então a família Mion era chamada para executá-la porque, quando eles decidiam algo, não mudavam a sua rota até conseguirem os resultados pretendidos. Eles eram fortes, obstinados e ousados.

Nenhuma família tinha essas características tão acentuadas quanto eles. Bem, se era preciso mudar o modo de viver em Capela, eu estava diante da família certa. Eles eram capazes de enfrentar o que quer que seja e quem quer que fosse! Eles enfrentariam Sophia, caso assim decidissem!

Alerto o leitor que, naquele momento, o grande problema a ser resolvido era quanto às questões da existência ou não de um Criador que não víamos e de descobrir quem, realmente, era Sophia. Nesses dois pontos, estavam alicerçadas as demais questões.

Expus novamente tudo que havia percebido sobre esses dois temas e, ao terminar, os mais sábios reuniram-se com os outros membros da família Mion, fechando o “circuito” deles para mim. Esperei, uma vez que não havia nada que eu pudesse fazer, pois eu só notaria o que eles quisessem que eu percebesse. Enquanto família, os Mion podiam confabular e chegar a um entendimento geral sobre as questões levantadas.

Quando eles deram por finalizada aquela “conversa mental coletiva”, o mais sábio aproximou-se de mim e disse-me:

— Ó Yel Luzbel, precisamos de mais tempo para conversarmos entre nós. O que você nos trouxe é muito sério para, numa conversa superficial, chegarmos a alguma decisão, mas deixo-lhe claro que muitos de nós estão a ir na direção de aceitar como verdade o que você acabou de pronunciar. Entretanto, nós, os mais sábios, ainda precisamos usar de cautela para chegarmos a algo definitivo e, por isso, solicitámos aos outros irmãos que pensássemos mais um pouco sobre esses assuntos e depois, ao obtermos alguma conclusão, o procurariámos para informá-lo da mesma. Precisamos saber se você está aberto para participar de algumas discussões que pretendemos fazer para aprofundarmos um pouco mais as questões provocadas por você. Penso que não podemos ser levianos com tudo isso. Esses debates poderão mudar todo o rumo das nossas vidas como capelinos. Então, devemos e teremos o cuidado de sermos claros, objetivos e prudentes no trato desse assunto. O que você acha, ó Yel Luzbel? Aceita essa proposta?

Pensei, naquele momento, que ele tinha razão, e agradei por essa margem de segurança que esses seres mais sábios da família Mion, estavam a ter a iniciativa de realizar.

Então, respondi-lhes assim:

— Ó grandes sábios, a atitude de vocês deixa-me muito contente! Devo dizer que concordo com vocês! Temos, sim, que agir com prudência e não tratar o assunto de maneira leviana. Precisamos chegar a um ponto comum, isso é certo! Estarei à disposição em todos os momentos que vocês precisarem de mim. Muito me agrada poder conversar com mais alguns capelinos a

respeito dessas questões, pois assim não me sinto tão isolado como tenho me sentindo nestes últimos tempos.

— Fico a aguardar um convite de vocês para podermos conversar sobre essas e as futuras questões que vocês levantarão enquanto família, para, então, avançarmos com as possíveis respostas às questões apresentadas — continuei a expressar-me. — Ter muitas mentes a pensar sobre um só assunto, talvez seja a solução para acharmos as respostas mais coerentes!

Devo dizer que, apesar de parecer lógica, para nós capelinos enquanto seres coletivos ligados uns aos outros pelos “Processadores” de cada família, não havia nada mais errado do que essa conclusão que expressei para o mais sábio da família Mion!

O resultado da união dessas mentes foi algo que ainda nem sei mensurar e, de facto, aquilo tudo tornou-se um “caminho sem volta”. Quanto mais pensávamos — agora, não somente uma mente, mas milhares de mentes — a respeito desse assunto, aumentávamos vibratoriamente o campo energético que criávamos em torno de nós. E essa energia foi se propagando — digamos assim — através do “Processador Mion” e, depois de um certo tempo, todos dessa família acabaram por pensar da mesma maneira — assim funcionava o “Processador” de cada família!

Lembro o leitor que eu estava fora do alcance do “Processador” da minha família, pois os meus irmãos mais sábios haviam cortado a minha participação junto a ele porque haviam entendido que as

minhas vibrações provocariam um estado de desequilíbrio nos outros membros da família Yel. Talvez, manter o meu “circuito mental” fechado para o acesso ao “Processador Yel” tenha sido a decisão mais sábia naquele tempo. Entretanto, esta escritora duvidou disso, mas eu expliquei-lhe que talvez tenha sido uma decisão apropriada porque, se tudo tivesse acontecido com as vibrações que eu estava a emanar naquele tempo em Capela, provavelmente, eu tivesse me perdido muito mais, não conseguindo controlar-me diante de tudo o que estava a acontecer, rendendo-me às forças do “desequilíbrio” e da “agressividade” — o que acabou por ocorrer com a família Mion, que se tornou extremamente “violenta” e “descontrolada”. Tempos depois, percebi isso.

O que me poupou de ficar também “agressivo” e “desequilibrado” como os membros da família Mion, foi justamente não ter acesso ao “Processador Yel” porque, estando isolado da minha família, não os contaminei, e ainda fui capaz, por mim mesmo, de me equilibrar de modo a não desenvolver o “germe da agressividade”. E isso foi fundamental para que eu sempre tentasse dar uma “direção pacífica” ao “movimento” — refiro-me à “Rebelião” —, sempre querendo estabelecer um diálogo e não indo direto para o confronto.

Entretanto, no início, o “nervosismo” e a “agitação” eram a tônica da minha existência. Por pouco, não sucumbi junto com a família Mion, que anexou, além do “nervosismo” e da “agitação”, um outro fator que até hoje caracteriza os seus membros, que é a “agressividade”, pois tomaram a decisão de sempre partir imediatamente para o confronto direto ou indireto. Ainda naquele

tempo, eles começaram a desenvolver neles essa atitude. Atualmente, percebo que, diante das características que eles possuíam, como ousadia, força e coragem, bastava só um pouco de “agitação” e “nervosismo” para fazer explodir, neles próprios, o que os humanos conhecem por “agressividade” ou “confronto”. Eu lembro-me que eles não recuavam diante de nenhuma decisão. Eles iam em frente e confrontavam tudo e todos que estivessem em contradição com o que eles achavam como certo. Então, essa foi a perdição da família Mion. E eu, fui “aquele” que lhes deu a “pólvora” certa para fazerem “explodir”, neles próprios, esse tipo de comportamento.

Certa vez, esta mesma escritora disse-me o seguinte, sobre esse meu entendimento:

“Você pode até ter dado a “pólvora”, mas cada um fez o que quis com ela. Você é responsável pela “pólvora”, no entanto, eu sou responsável pelo uso que fiz dela. Então, somos ambos corresponsáveis. Ninguém usa algo de maneira má sem ter se decidido por assim proceder. Todos temos responsabilidade pelos nossos pensamentos, sentimentos e inclinações. Dentro de nós, já havia inclinações para certas atitudes, e parece-me que você só fez com que isso ficasse mais evidente para cada um. Depois das suas explicações, cada um seguiu a inclinação que tinha mais forte dentro de si, o que foi da inteira responsabilidade de cada um, e não somente sua. Você já pensou sob essa perspectiva?”

Depois desse argumento desta escritora, eu mudei o foco para o qual estava a direcionar todos os meus pensamentos até então.

Às vezes, fico surpreso como uma simples mortal — alguém que vive tão pouco tempo —, pode concluir algo tão óbvio para ela, e eu, enquanto ser que vivo há centenas de milhões de anos, não consigo pensar da mesma maneira. E é por isso que a espécie humana terrestre é tão preciosa para nós, que já existimos há tanto tempo — e até para outros seres que já existem há bilhões de anos nesta Criação. O *Homo Sapiens*, por ter a mente sem tantas “travas”, consegue perceber as questões de um modo que os capelinos não conseguem imaginar. Em menos de trinta minutos, por exemplo, refletindo sobre algo, os humanos conseguem formular pensamentos e observações que nós sequer conseguimos entender como chegaram a tal conclusão!

Entretanto, esse dom humano de ser livre para pensar é “fruto” da minha atuação e de outros, e portanto nada disso seria possível sem que nós acontecêssemos para este universo — assim me disse esta escritora.

Devo também explicar ao leitor que não havia em mim nada parecido com o que esta escritora imaginou, ou seja, que agi motivado em obter um resultado pretendido. Bem longe disso! Eu não sabia nada! Aquela “situação” só estava a acontecer comigo, e fui seguindo o fluxo do que estava a ocorrer dentro de mim — nem mesmo sabia como começou ou onde terminaria. Tudo se deu de maneira involuntária para mim. Nada organizei no sentido de saber o que estava a fazer. Nada fiz, inicialmente, nesse sentido. Por razões que desconheço, deparei-me com descobertas e questões que me fizeram mudar o rumo da minha vida enquanto capelino, um ser pertencente a uma determinada família que foi criada com

um propósito pré-definido. Então, os factos que vieram após essas constatações foram simplesmente o fluxo das opções que eu decidi seguir no momento.

Volto a dizer que, até então, nada em mim fugia ao que eu fui criado para ser. No andamento dos factos que se seguiram, eu não percebi que a “Rebelião” estava a formar-se, e muito menos que essa resultaria em algo positivo — como esta escritora agora entende. Contudo, devo dizer que, mesmo não sabendo se os “frutos” do que foi “plantado” no início seriam bons ou maus, agora, com a capacidade que a espécie *Homo Sapiens* tem de pensar com senso crítico e razão filosófica sem afetação, podemos dizer que a “Rebelião”, apesar de toda a dor e sofrimento, apresentou um resultado positivo, ou seja, a liberdade de existir sem tantos condicionamentos e tantos controlos. Portanto, reconheço que algo de bom foi produzido. Muitos capelinos morreram para aquela existência e puderam recomeçar como seres da espécie humana, tendo a oportunidade de se modificarem para melhor, de evoluírem. Por outro lado, muitos se perderam de modo tal que, atualmente, terão que recomeçar em mundos tão complicados que, em mim, dói ainda esta possibilidade de que eu os tenha levado até essa situação.

Com as minhas questões e atitudes, veiculei dor e sofrimento. Sei disso! Entretanto, agora, também percebo que nem tudo foi mau. Por isso, posso e devo agir pelo que me motiva a ir em frente, ou seja, ajudar, de alguma maneira, todos aos quais forneci a “pólvora”, mesmo sabendo, atualmente, que cada um usou essa “pólvora” de acordo com a inclinação que já existia no seu íntimo.

Ainda assim, num sentido de moral, cabe-me ajudá-los! E o farei para que eu possa, em algum momento, redimir-me diante de mim mesmo. Esse é o objetivo que pretendo alcançar.

Mais à frente, seguirei contando o que decorreu dos constantes encontros que eu e a família Mion realizámos. A partir daí, nada seria como antes! Com a realização desses debates, outras famílias de capelinos foram tomando conhecimento das questões propagadas por mim. E a “pólvora”, quando queimada, não se detém até que seja atingido o ponto final. E isso aconteceu de modo muito rápido, muito mais do que eu gostaria — assim penso, atualmente.

Todavia, o facto é que, naquele tempo, em Capela, eu não poderia ter agido de maneira diferente — agora, entendo. Dentro de mim, a “pólvora” também encontrou uma condição favorável para queimar até chegar à explosão final!

CAPÍTULO 10

O Início do Fim para Muitas Outras Famílias de Capelinos

Sob esta minha nova perspectiva, ousou dizer que, se eu soubesse, se conseguisse refletir ou pensar da maneira que penso hoje, nada do que aconteceu teria ocorrido. Com certeza, eu teria dado outro rumo ao fluxo de pensamentos que, naquele tempo, invadiram-me o íntimo. Entretanto, o que aconteceu não pode ser mudado!

Até há algum tempo atrás, eu pensava que, quando o estrago estava feito, nada se podia fazer para efetivamente consertá-lo, sendo somente possível ajeitar o que podia ser arranjado, deixando que o tempo futuro, de algum modo, a tudo resolvesse.

A convivência com esta escrevente e outros da espécie humana tem me feito ver muitas coisas por diversos ângulos diferentes. Acho que — como dizem os humanos, aí na Terra — estou a evoluir nos últimos meses! O fluxo dos meus pensamentos alterou-se de modo tal que, às vezes, apanho-me a pensar coisas que, em épocas passadas, era-me impossível fazê-lo. O tempo — este senhor de todos nós — tem isso de bom, ou seja, serve para podermos analisar profundamente o que aprendemos ou não diante da

pretensa eternidade que eu e alguns que aqui existimos, pensamos ter à nossa disposição.

Passo, a seguir, a narrar os debates que eu tive com a família Mion.

Em Capela, depois de algum tempo, fui novamente convidado pela família Mion a reunir-me com eles. E assim o fiz, indo ao encontro deles num certo planeta e, quando lá cheguei, a minha surpresa foi bem maior do que eu poderia imaginar! Lá não estava somente a família Mion, como também compareceram alguns membros de outras famílias que habitavam o sistema de Capela. Fiquei espantado com a imensidão de seres que ali estavam reunidos para me ouvir. Então, dirigi-me a Len Mion e perguntei-lhe do que se tratava aquele evento e por que ele havia convidado tantos outros capelinos sem antes consultar-me.

Ele assim respondeu-me:

— Ó Yel Luzbel, pensamos que, quantos mais o ouvissem, melhor seria para podermos chegar a alguma conclusão sobre os assuntos propostos por você. Os sábios da minha família foram conversar com os sábios de outras famílias, e ocorreu a todos que eles também precisavam escutar todos as suas questões para poderem sentir a mesma vibração que os primeiros reconheciam que vinha de você. Eles, que aqui estão, querem escutar, diretamente de você, tudo o que nos contou. Querem perceber, em você, se há

incerteza ou qualquer dúvida sobre o que anda a pensar a respeito do Criador e a sua Obra. Vamos a isso!

Não se contenha diante da multidão, pois estamos todos ansiosos para novamente ouvi-lo nas suas explicações!

Devo confessar que fiquei contente com a resposta de Len Mion. Naquele tempo, se alguém queria escutar-me, isso era motivo de júbilo interior. Da minha parte, sentia alegria em dividir com todos aqueles que quisessem ouvir-me, o que eu achava que era a “verdade” sobre o Criador e a sua Obra.

No instante em que entrei e posicionei-me frente àquela imensidão de seres, descobri, dentro de mim, o que nunca havia reparado, ou seja, que, apesar de fazer parte de uma família de capelinos, urdida para investigar o grau de evolução de todos os seres deste universo, diante de todos os presentes no recinto, senti um frenesi que não consigo traduzir em palavras terrenas, porque não saberia descrever o que se passava dentro de mim. Só sei dizer que alguma coisa vibrou com tal monta em mim que, por alguns instantes, o meu corpo quase entrou em “falência”, apresentando uma certa incapacidade de reagir ao que estava a acontecer. Portanto, tive que me recompor rapidamente, para que os sábios das outras famílias não percebessem o que se passava dentro de mim. Usei o termo “falência” porque foi a primeira vez que senti uma descarga energética tal que pensei que fosse desfalecer — é o que os humanos diriam, aí na Terra — devido ao que estava a ver e a sentir.

Tendo controlado essa breve sensação, comecei a minha explanação para aqueles que ali estavam a querer escutar-me:

— Saúdo todos os que aqui estão e peço que me ouçam com atenção. Primeiro, quero alertar-lhes que o que descobri pode não estar certo. Entretanto, se pensarmos claramente, estamos a tratar de questões para as quais não temos respostas objetivas e incontestáveis. Tudo é bastante obscuro, tudo é guardado como algo que não podemos e não devemos ter acesso — é isso que nos dizem aqueles que, em Capela, representam o Criador. No entanto, pergunto-me o porquê disso. Por que não podemos ter acesso a tais informações? Por que Sophia não nos diz onde está o Criador? Por que o Criador não se faz presente entre nós e não nos responde diretamente sobre as leis que regem a sua Criação? Para essas questões, até este momento, não obtive respostas de Sophia ou dos seus encarregados na administração do sistema solar em que vivemos.

— Por que Sophia se esconde, ou melhor, esconde o Criador? — continuei a expressar as minhas questões. — Quem lhe outorgou o direito de aqui vir e liderar-nos? Quem fez as naves, os seres e, pensando mais além, quem a tudo criou? São perguntas para as quais também não obtive respostas. Quando me encontro com os sábios da minha família, eles também não conseguem responder às minhas indagações, apesar de terem livre acesso a Sophia e aos seus Administradores. Então, será que os sábios das outras famílias que aqui estão, conseguem obter, junto a Sophia, respostas para as questões sobre as quais aqui me referi? Proponho que cada um de vocês pense sobre o que estou aqui a levantar e que façam essas

perguntas ao próprio Sophia. Depois disso, marcaremos um debate sobre o que for apresentado por ele, como resposta às indagações feitas.

— Não sei se vocês, quando aqui vieram, pensaram que eu teria soluções para as perguntas que eu havia apresentado à família Mion — comentei. — Certamente, eles as expuseram para vocês, pois atribuo a presença de tantos a isso. Digo-lhes que tenho somente as questões colocadas, sem as respectivas respostas. E esse é o fator que mais me incomoda, já que, em tempos idos, Sophia ou algum alto designatário seu sempre respondiam às nossas dúvidas, coisa que agora não acontece mais. Sei que os sábios da minha família procuraram obter respostas de Sophia, e lhes digo que eles não obtiveram êxito em consegui-las. Então, proponho-lhes que vocês, que representam a maioria das famílias que vivem no sistema de Capela, dirijam-se a Sophia e exijam dele respostas diretas para as questões aqui apresentadas, pois acredito que somente ele poderá esclarecer-nos a respeito desses assuntos.

— Alguns de vocês, sábios das famílias aqui congregadas, já haviam pensado ou ouvido falar a respeito dos temas aqui abordados? — indaguei. — Essa questão ocorreu-me neste momento, e lhes pergunto isso somente para verificar se, entre todos nós que aqui estamos, eu fui o único que descortinei esse “mistério”.

— Pelas vibrações a mim endereçadas, ninguém pensou ou ouviu falar sobre esses assuntos — concluí. — Então, agora que escutaram, como se sentem diante do que foi exposto? Concordam,

discordam ou pensam que existem outros fatores para explicar o que acontece neste universo? O que pensam a respeito desses temas?

E de pergunta em pergunta, envolvíamos-nos cada vez mais no emaranhado de pensamentos que iam de um lado para o outro sem que, no entanto, conseguíssemos ter alguma resposta clara ou objetiva a respeito do assunto. Portanto, a título de finalizar o que conversámos por horas e horas a respeito desses assuntos, resumo o resultado daquele encontro informando que não chegámos a nenhuma conclusão sobre os assuntos e que, mais uma vez, todos os que ali estavam — pude sentir —, ficaram “perturbados” com tudo aquilo que elaborávamos como possíveis dúvidas que desafiavam o nosso entendimento sobre o Criador, o papel de Sophia entre nós e o motivo real da existência deste universo.

Mais uma vez, saía de uma reunião coletiva sem nenhuma solução que me contentasse quanto às questões que se acumulavam dentro de minha mente.

Ao finalizar o encontro, falei o seguinte:

— Ó grandes sábios, nada temos de informação que seja útil para responder a contento às interrogações aqui colocadas. Sugiro, novamente, que vocês, em conjunto, levem essas questões a Sophia e seus representantes, e nos tragam as respostas para que possamos todos pensar a respeito do que será dito, para podermos, aí sim, esclarecer objetivamente as dúvidas aqui apresentadas.

Fico a aguardar que me contatem para, novamente, nos encontrarmos e, assim, quem sabe, darmos um fim a essas questões. Se Sophia os receber e responder-vos, acredito que poderemos, enfim, fechar esses assuntos, pois que ainda espero, dentro de mim, sinceramente, que ele possa ajudar-nos a resolver todos esses “mistérios” que envolvem o Criador e este universo. Fico, portanto, no aguardo de um retorno.

Assim que terminei de falar, percebi que Len Mion era chamado pelos mais sábios da sua família. Aquele, ao ouvir o que estes diziam, solicitou que eu me juntasse a eles. Os sábios das outras famílias também se juntaram aos sábios da família Mion e, então, percebi que ali ocorria um conclave entre todos os sábios da maioria das famílias, mas eu e Len Mion também participaríamos dessa reunião.

Os sábios fecharam o “circuito vibratório” e nos envolveram em uma “bolha protetora” — digamos assim —, que nos isolava dos demais capelinos que ali estavam. Ficámos, assim, a discutir exaustivamente todas as questões que eu havia posto diante de todos. Quando, os sábios, verificaram, por eles próprios, que não conseguiríamos chegar a alguma resposta satisfatória, olharam-me e deram-me o seu veredito final:

— Ó Yel Luzbel, marcaremos uma audiência com Sophia. Tentaremos, junto dele, obter as respostas para as indagações que você nos apresentou. Devemos dizer-lhe que temos a certeza que todas elas serão esclarecidas por ele. Temos nele uma confiança de liderança que remonta há muitos anos de parceria em função de

tudo ser organizado e administrado para satisfazer o Criador deste universo. Iremos ter com Sophia e voltaremos a encontrar-nos para podermos finalizar esses assuntos. Aguarde o nosso contato. Em breve, nos reuniremos.

E assim concluindo, fecharam o "circuito mental" da reunião para mim e Len Mion.

Fiquei a observar aqueles sábios e pensei, intimamente, que não seria tão fácil assim como eles achavam. Sabia que os mais sábios da minha família tinham tentado reunir-se com Sophia e ele ainda não havia respondido a esse pedido. Entretanto, imaginei que, tratando-se de vários sábios, talvez ele os recebesse e, então, tudo seria esclarecido. Eu teria que esperar para ver!

De facto, todos nós esperámos muito tempo por uma resposta de Sophia e, aqui, adianto o que será discutido no segundo livro desta trilogia: essa explicação nunca veio!

Sobre a Autora

Jeane Miranda é escritora da Editora Nova Egrégora, tem formação como Mestre em Ciências da Educação, pelo Instituto de Educação da Universidade do Minho em Portugal.

Atualmente estuda a Revelação Cósmica desenvolvida por Jan Val Ellam. À medida que os seus estudos avançam, novos painéis ficam disponíveis no seu psiquismo permitindo a escrita, por meio da psicografia, de livros narrados por protagonistas que fizeram parte de um passado esquecido pela humanidade terrestre.

Resgatar esse passado perdido pelo obscurantismo e ressignificar a participação desses personagens, que por vezes foram mal interpretados pela história humana, tem sido a finalidade das suas obras.

Livros da Autora

- **Anjos Decaídos:** O Legado Cósmico da Humanidade.
- **Os Livros da Vida de Pandora 1** — Zeus, os Titãs e a Criação da Espécie Humana Terrestre.
- **Os Livros da Vida de Pandora 2** — O Coquetel das Poções e o Iminente Ataque do Olimpo.
- **Os Livros da Vida de Pandora 3** – Os Anunnaki e a Disputa pela Genética de Pandora
- **Os Livros de Yel Luzbel 1** — A Revolta do Anjo Decaído.
- **Os Livros de Yel Luzbel 2** — O Início da Revolta Capelina
- **Os Livros de Yel Luzbel 3** — Sinais de Guerra em Capela
- **O Senhor Javé:** O Criador deste Universo.